**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

THAIS DE SANTIS ROCHA

**UM CORAÇÃO QUE AINDA BATE APÓS AUSCHWITZ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
HOLOCAUSTO**

Versão Corrigida

**SÃO PAULO
2016**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**UM CORAÇÃO QUE AINDA BATE APÓS AUSCHWITZ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
HOLOCAUSTO**

THAIS DE SANTIS ROCHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Vasconcelos

Versão Corrigida

**SÃO PAULO
2016**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: thais.rocha@usp.br

ROCHA, Thais de Santis. Meu coração ferido: um estudo de caso sobre o Holocausto.
Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

**Ao meu avô Antônio Sérgio de Santis, por toda sabedoria e
amor recebidos, mostrando como era grande seu coração.**

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu orientador José Antônio Vasconcelos por acreditar nesse projeto e me ajudar a concretizá-lo.

As professoras doutoras Sara Albieri e Sandra Regina Chaves Nunes pelos apontamentos durante a qualificação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos no nível de mestrado.

Aos integrantes da minha família pelo apoio e sobretudo ao meu avô, que também serviu como base de inspiração pra mim e me deu muito apoio quando mais precisei.

Aos professores Klause Vilmar e Gunnar Richter que me apoiaram enviando informações do arquivo de Kassel.

Aos amigos que me deram apoio nessa empreitada: Marina Serra dos Santos, Ana Patrícia Nicolette, Suellen Sabino Ávila Luperi, Flavia Gutierrez, Erik Marotz, Bruno Leal, Monica Costa, Renato Brancaglione Cristofi, Paula Saito, Fernanda Corrêa, Gabriela Fazolli, Silvia Maria da Silva Santana, Thais Siqueira Santos, Rita Cristina Montes Aranha, Maria Paula Franzin de Andrade Bettoni e Thiago Assis Brito de Souza. Um agradecimento especial a Yasmin Utida por todas as ajudas nos momentos em que o alemão foi mais forte que eu.

A Paulo Esteves e Ellen Borges por conseguirem alguns textos essenciais que não estavam disponíveis no Brasil, uma dificuldade sentida durante todo o processo da pesquisa.

A Dona Flora e seu Aduino pela acolhida nos tempos paulistanos. A Ligia Capobianco, Misagh Ebrahimpour, Rafaella Mazzo. Guilherme Augusto Rodrigues Passos, Rodrigo Queiroz Takahashi e Victória Nuri Habedank Vallespin por todos os momentos que passamos juntos.

Resumo

A presente investigação tem como objetivo estabelecer a relevância da relação dos descendentes do Holocausto com a memória desse evento através da análise da obra “Meu coração Ferido”, escrita por Martin Doerry. Essa obra retrata a trajetória de uma mulher judia entre 1900 e 1944, mostrando como as medidas nazistas alteraram seu cotidiano, incluindo cartas escritas no período no qual esteve confinada em um campo de concentração. Ela possui um destaque dentro da literatura atual devido a sua narrativa, que mescla textos produzidos na época com a contextualização dos fatos feita pelo autor. Pretende-se apontar como ocorre a transferência desse tipo de memória com descendentes de vítimas do holocausto, mostrando como as gerações posteriores convivem com esse tipo de memória e escrevem sobre a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto, Nazismo, Transferência, segunda geração, postmemory, Judeus

Abstract

This research aims to analyze the Holocaust representation possibilities from a biography, "Meu Coração Ferido," written by Martin Doerry, and seek to understand how occur the Nazi understanding of processes during installation and the prospect of separated families war, using as source letters exchanged in the period. During the writing process of this work, the author's purpose was to understand how his grandmother, Lilli Jahn, differed from others who suffered under Nazism, in their struggle for the liberation of the children and their peculiar character and the preservation and protection of the family. The research focuses on the study of how the descendants understand the Holocaust through in their search for an identity for many years silenced.

KEYWORDS: Holocaust, Nazism, Transference, Postmemory, second generation, jews

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1 Meu coração ferido: um estudo de caso sobre o nazismo.....	15
1.1 A vida de Lilli Jahn.....	16
1.2 O processo de escrita.....	21
1.2.1 A divisão dos capítulos	
a) Introdução.....	22
b) Uma família judia em Colônia.....	22
c) Os anos de perseguição em Immenhausen.....	22
d) O exílio em Kassel.....	23
e) O campo de trabalhos forçados de Breitenau.....	23
f) A morte em Auschwitz.....	23
1.2.2 Da escrita da obra: a descoberta de cartas e o processo de pesquisa.....	24
1.3 A divulgação e a recepção da obra.....	31
1.3.1 Na imprensa.....	31
1.3.2 A recepção acadêmica da obra.....	33
1.3.2.1 Textos produzidos pelo próprio autor.....	34
1.3.2.2 Textos escritos por outros autores	36
Capítulo 2 Famílias em tempos de guerra.....	43
2.1 A instalação da política nazista antissemita entre 1933 e 1935.....	44
2.2 Os casamentos mistos.....	47
2.3 O caso de Lilli Jahn e seus filhos: a vida no campo de concentração e fora dele.....	51
2.3.1 A vida de Lilli durante o período de concentração.....	52
2.3.2 O campo de Breitenau: dinâmicas internas.....	53
2.3.3. Os filhos de Lilli: a vida fora do campo.....	58
2.3.4 O bombardeio de 1943.....	59

Capítulo 3 Como eles escrevem a memória dos outros.....	62
3.1. A construção do processo de rememoração daqueles que não viveram o Holocausto: a versão dos descendentes de judeus- O caso de Martin Doerry e Bernice Eisenstein.....	62
3.1.1 Bernice Eisenstein e suas representações.....	63
3.1.2 A memória traumática judia: como Doerry e Eisenstein reproduziram esse conceito em sua obra.....	65
3.2 A memória do perpetrador: como os filhos de nazistas lidam com os fantasmas do passado.....	70
3.2.1 “Tu carregas meu nome”	71
3.2.2 O paradoxo de Teege.....	73
3.2.3 Como os descendentes de oficiais lidam com essa memória.....	75
 Considerações Finais.....	77
 Referências bibliográficas	79

Introdução

O ano de 1945 marca o final da Segunda Guerra Mundial. A derrota do regime nazista e a invasão de tropas aliadas nos territórios ocupados revelou os campos de concentração, tendo como expoente Auschwitz-Birkenau, liberado em janeiro desse mesmo ano. Como resultado, foram encontrados alguns sobreviventes, fracos devido as condições extenuantes de trabalho e pouco alimento. Por vários anos esses sobreviventes permaneceram em silêncio, ocultando suas experiências e por elas possuírem uma carga traumática.

Uma outra forma de se escrever a história se estabeleceu nesse momento: o uso de testemunhos. Adotados posteriormente pela academia, eles representavam as vivências de uma realidade não documentada pelos nazistas: as emoções e sensações dos perseguidos, incluindo seus medos e anseios. Entre os primeiros relatos de sobreviventes que romperam esse silêncio se destaca a publicação do texto de Primo Levi, intitulado “É isso um homem?”¹. Em sua narrativa, ele descreve os momentos no qual foi confinado em Auschwitz, e como escreve no prefácio

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente.²

Depois de Primo Levi, outros sobreviventes relataram a vida dentro dos campos de concentração e teorizaram sobre o fato. Elie Wiesel, Ruth Klüger, Jorge Mautner, Nonna Bannister, entre outros, publicaram livros com base no que viram e apoiados em suas memórias. Alguns deles obtiveram apoio de instituições e se tornaram pesquisas científicas, nas quais se mapearam famílias e a trajetória percorrida durante o período da guerra, com informações obtidas em arquivos e em espólio familiar. Para essas vítimas, o Holocausto tem de ser lembrado para que não se repita essas atrocidades. Agamben teorizou sobre o assunto e incluindo os mortos durante a Shoah, alegando que

¹ Levi, P. (1988). É isto um homem. Rio de Janeiro: Rocco.

² Idem, p. 7-8

o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destituiu a autoridade dos sobreviventes. As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo”, os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre o testemunho que falta. Contudo, falar de uma delegação, no caso, não tem sentido algum: os submersos nada têm a dizer, nem têm instruções ou memória a transmitir. Não têm “história”, nem “rostro” e, menos ainda, “pensamento”. Quem assume para si ônus de testemunhar por eles, sabe que deve testemunhar pela impossibilidade de testemunhar. Isso, porém, altera de modo definitivo o valor do testemunho, obrigando a buscar o sentido em uma zona imprevista.³

Os anos se passaram e atualmente existem poucos judeus para recontar sobre suas vivências. Para evitar o esquecimento, foram criados centros nos quais estão arquivados testemunhos dessas pessoas, assim como documentos pessoais. Parte dessa documentação pessoal de judeus entre os anos de 1930 e meados de 1940 se encontra em espólio familiar ou em arquivos. Em alguns deles, como em Kassel, há a transcrição de cartas e alguns documentos oficiais disponíveis para pesquisa. Esses centros de memória estão anexos a campos de concentração, como o Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, ou a universidades, como a Universität Kassel.

Concebeu-se uma vasta bibliografia correspondente aos processos psicológicos necessários para elucidar o tema, assim historiográficos, estes voltados para uma explicação sobre como ocorreram os fatos, e literários, nos quais as emoções foram representadas. Além do testemunho oral, houveram outras formas de se representar o que aconteceu nos campos de concentração. Sobre essas narrativas do Holocausto Cordoba afirma que

A catástrofe ética e política que era a matança deliberada e sistemática de milhões de pessoas, ocorreu sob o totalitarismo, que poderia ser conhecido através das narrativas de suas vítimas, ou seja, aqueles mantidos em campos de concentração. Entre eles estão escritos por aqueles que morreram e os que sobreviveram. Quem morreu deixou seus julgamentos sobre o que viveu em diários e cartas pessoais. Estes documentos relatam o furto de seus direitos ou esconder para evitar a deportação (Frank, 2003; Friedman, 2004; Ginz 2006; Hillesum, 2008; Laskier, 2009, Berr, 2009). Aqueles que não sobreviveram gravaram em suas cartas sobre a liberdade, a dignidade, amor, desespero e angústia (Bonhoeffer, 1983; Doerry, 2003; Hillesum, 2005). Aqueles que morreram também destacaram a ascensão do nazismo nos documentos (Sebastian, 2003) e o destino de seus oponentes (Reck, 2009)⁴

³ AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha. Homo Sacer III. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo, Boitempo, 2008. P. 43

⁴ “La hecatombe ética y política que constituyó el sacrificio deliberado y sistemático de millones de personas, ocurrido bajo el totalitarismo, pudo ser conocida a través de las narrativas de sus víctimas, es decir aquellos reclusos en los campos de concentración. Entre ellas están las escritas por los que

Portanto, além dos testemunhos dos sobreviventes, foi possível depois do resgate de documentos pessoais se dar voz aos mortos. Como a maior parte dessa documentação não está intacta ou foi destruída, coube aos historiadores e aos descendentes preencherem essas lacunas com dados, tanto cronológicos quanto privados. No caso do primeiro, ele utiliza uma metodologia na qual usa esses escritos como fonte para compor sua narração sobre o tema. A segunda geração convive com ausências provocadas pelo silenciamento de seus familiares, que evitam conversar sobre esse período. Ela é entendida em um primeiro momento como os filhos e netos de sobreviventes do Holocausto e depois de um modo mais geral como todos os nascidos a partir da década de 1980.

Os descendentes desses sobreviventes, mesmo sem terem vivido a guerra, criaram uma identificação com a Shoah.⁵ Essa segunda geração, em alguns casos, só descobriu sobre o passado de seus pais quando eles estavam morrendo, como aconteceu com Epstein.⁶ Nesses casos, os filhos partiram para uma jornada na qual passam pelos mesmos lugares onde seus ancestrais estiveram e pesquisam sobre seu passado, em busca de mais informações. Entrevistas, livros escritos sobre o tema e algumas fontes de espólio familiar preenchem algumas lacunas existentes nesse tipo de estudo.

A morte de seus familiares impele essa segunda geração a manter uma memória sobre a perseguição judaica viva, gerando pesquisas pontuais sobre envolvendo parentes. O objetivo dessas obras de segunda e terceira geração são, geralmente, os de exaltarem um aspecto particular, a vida de uma pessoa, sob uma perspectiva subjetiva,

murieron y los que sobrevivieron. Quienes murieron dejaron sus juicios sobre lo vivido en diarios personales y cartas. Estos documentos registraron la sustracción de sus derechos o el ocultamiento para evitar la deportación (Frank, 2003; Friedman, 2004; Ginz, 2006; Hillesum, 2008; Laskier, 2009; Berr, 2009). Los que no sobrevivieron escriben en sus cartas sobre libertad, dignidad, amor, desesperación y angustia (Bonhoeffer, 1983; Doerry, 2003; Hillesum, 2005). Los que murieron también evidencian en los documentos el auge del nazismo (Sebastián, 2003) y el destino de sus opositores (Reck, 2009)” OVIEDO CORDOBA, Myriam. *Identidad narrativa en experiencias de secuestro*. 2013. P. 36-37

⁵ Usaremos o termo Shoah, proveniente do Hebraico, que está ligada ao sacrifício humano.

⁶ Epstein descobre que sua mãe foi uma sobrevivente quando ela estava internada em estado muito grave. Ela parte, então, para refazer os passos de sua mãe e tentar entender como essa judia chegou até os Estados Unidos. Ela pesquisa em arquivos e o resultado dessa busca foi publicado como: EPSTEIN, Helen. **Where she came from: a daughter's search for her mother's history**. Boston: Little, Brown, 1997.

estabelecendo dentro do processo de perseguição antissemita como seus familiares foram afetados.

Essa pesquisa visou estabelecer como é a escrita dessa segunda geração sobre o Holocausto. Usamos como objeto de estudo a biografia “Meu Coração Ferido”, na qual analisamos os processos de narrativa do autor, pretendendo mostrar os artifícios por ele usados para compor sua narrativa. Escolhemos essa obra pois ela aborda a vida de uma mulher judia que não sobreviveu a Shoah, sendo então a composição de uma narrativa com base em documentos pessoais encontrados após o final da guerra.

O primeiro capítulo desse trabalho tem como objetivo apresentar a obra “Meu coração ferido”, escrito por Martin Doerry. Buscaremos demonstrar como através desse livro podemos refletir sobre o papel de uma judia, Lilli Jahn, dentro da literatura sobre o Holocausto. Para isso abordaremos a recepção da obra, tanto no meio acadêmico quanto sua divulgação em outros espaços, através das resenhas escritas sobre ela.

O segundo capítulo tem como objetivo estudar a família Jahn no período no qual ela esteve confinada em Breitenau, um campo de concentração, e como seus filhos viviam no período. Analisaremos as mudanças legais pelas quais os judeus foram perseguidos na Alemanha. Usaremos como fonte as cartas transcritas na biografia para ilustrar isso.

No último capítulo o objeto será estabelecer as memórias dos descendentes, nesse caso de uma segunda geração, com as de seus pais. Compararemos a biografia de Lilli Jahn com a obra “Eu filha de sobreviventes do Holocausto”, de Bernice Eisenstein. Por fim abordaremos as relações de memórias entre os parentes de nazistas, tendo como base um estudo resultado da entrevista de dois jornalistas com filhos de oficiais de alta patente alemã e uma mulher, Jennifer Teege, que descobriu tardiamente ser neta do chefe do campo de concentração de Plaszow. Demonstraremos como ocorrem as relações dessas pessoas com seu passado familiar, usando o conceito de transferência de Dominick LaCapra e Postmemory de Marianne Hirsch.

Capítulo 1 Meu coração ferido: um estudo de caso sobre o nazismo

A obra “*Mein verwundetes Herz: das Leben der Lilli Jahn 1900-1944*”⁷ foi publicada em 2002 originalmente em alemão pela Deutsche Verlags-Anstalt. Após o lançamento desse livro houve o reconhecimento sobre a trajetória de uma vítima do Holocausto chamada Lilli Jahn. O objetivo dessa narrativa foi de descrever a vida dessa mulher judia e sua relação com a família, entre os anos de 1900 e 1944. Nas resenhas de divulgação, ela foi classificada como uma biografia, devido a sua composição centrada em um indivíduo e com as reações de outras pessoas próximas relacionadas a vida de Lilli Jahn. Através dessa sua trajetória específica, o autor demonstrou como ocorreu a perseguição de um parente próximo, como veremos a seguir, e como a vida dessa judia foi impactada pelo regime nazista, incluindo seu deslocamento por diferentes localidades, desde o nascimento até os campos de concentração onde esteve confinada.

Atualmente esse livro já foi traduzido para diversos idiomas, incluindo inglês, francês, italiano e português, e também adaptado para outros tipos de arte, como peças de teatro encenadas em reuniões promovidas para a rememoração da Shoah⁸ e como um documentário. Existe também uma versão dessa biografia no formato de audiobook, em alemão na qual Sunnyi Melles Çe as cartas de Lilli, Beate Jensen as de Ilse e os textos intermediários correspondentes a narrativa são lidos pelo próprio autor.⁹ Escrita pelo jornalista e historiador Martin Doerry, essa obra retratou a vida de uma mulher judia sob uma perspectiva particular, reproduzindo seu cotidiano. Essa visão sobre o específico foi alcançada através de reproduções de parte das correspondências pessoais de seus familiares e de amigos da senhora Jahn, enviados sobretudo entre a década de 1930 e até meados da década posterior, incluindo outros tipos de fontes, como fotos, telegramas e cartões postais.

Dentro da literatura relativa ao Holocausto publicada recentemente, esse livro se destaca como um relato pessoal seriado posteriormente, contendo uma documentação importante referente a crianças separadas de sua mãe, enquanto esta última esteve em dois campos de concentração, e como esses jovens sobreviveram com a ajuda de sua tia

⁷ DOERRY, Martin. *Mein verwundetes Herz. Das Leben der Lilli Jahn 1900-1944*. Stuttgart München, Deutsche Verlags-Anstalt 2002.

⁸ Nessas encenações são realizadas leituras dramáticas das cartas escritas durante a guerra por atrizes.

⁹ Doerry, Martin. *Mein verwundetes Herz*. Der Audio Verlag; Auflage: 1., Aufl. (2003). CD de áudio.

e uma prima. Esse tipo de recorte no qual se explora como objeto de pesquisa um grupo silenciado foi possível após a evolução dos estudos de gênero na Alemanha sobre o tema, como o de Marion A. Kaplan, possibilitando outros questionamentos sobre o papel da mulher durante a guerra.¹⁰

Nesse primeiro capítulo exploraremos a trajetória de vida dessa médica, expondo como o nazismo alterou seu destino e a relação estabelecida com outras pessoas com as quais se correspondia. Inicialmente introduziremos brevemente a vida dessa mulher e depois sua recepção após o lançamento pela imprensa e pela academia.

1.1 A vida de Lilli Jahn

Lilli Schlüchterer, proveniente de uma família alemã judia, nasceu em 1900 na cidade de Colônia. Filha de um comerciante rico judeu, durante sua infância frequentou colégios particulares, se formando na escola Kaiserin-Augusta, com uma educação voltada ao ensino da cultura erudita. Depois estudou em Colônia, onde ingressou no curso de Medicina em 1919. A faculdade possuía campus em cidades diferentes. A cada semestre os alunos desse curso eram redirecionados para cada uma dessas instalações de acordo com as especialidades. Por isso ela frequentou aulas em Wüzburg, Halle, Freiburg e por fim retornando a sua cidade natal, onde se formou em cinco anos com especialização em pediatria, obtendo um doutorado em Hematologia¹¹. A escolha por essa profissão ocorreu pois havia um consultório pertencente a seu tio em uma cidade próxima, onde poderia estagiar e atuar depois de formada.

Durante seus estudos nesse curso superior, conheceu Ernst Jahn, um protestante¹² ariano proveniente de uma família com menos recursos se comparado com a família Schlüchterer. Muito jovem, ele ficou órfão de pai e precisou trabalhar para manter sua família. Ambos frequentaram a mesma faculdade, criando uma convivência de colegas de curso. Lilli se apaixonou por ele e ocorreu a proposta de casamento que

¹⁰ Esse trabalho de Kaplan busca, através de uma leitura de gênero, compor como as mulheres e a sociedade judia sofreu com o nazismo, relacionando através de estudos de casos pontuais como o cotidiano das regiões dominadas pelos nazistas se alterou. KAPLAN, Marion A. *Between dignity and despair: Jewish life in Nazi Germany*. New York Oxford: Oxford University Press, 1998.

¹¹ Lilli Schlüchterer. *Üben den Gesamtschwefelgehalt des Blutes, insbesondere der Rotten Blutzellen*. Tese. Köln. 1924

¹² O termo protestante aqui empregado se refere ao adjetivo “evangelischen” ou “protestante” presente nas fontes analisadas e com divergência quanto a traduções posteriores do alemão.

precisava ser aprovada pelos progenitores dela. A diferença de renda entre essas duas famílias foi uma preocupação para os pais de Lilli, pois os mesmos não consideravam a possibilidade de suas filhas manterem relacionamentos com não-judeus com uma condição econômica inferior a de sua família. Eles prezavam por uma estabilidade financeira para a manutenção do padrão de vida de sua descendente. O fato que comprova esse posicionamento foi o impedimento do casamento da irmã da biografada com um alemão ariano por imposição dos senhores Schlüchterer, resultando no fim desse relacionamento misto.¹³

O casamento entre eles ocorreu em 12 de agosto de 1926, mesmo sendo contrário as recomendações de Paula, a mãe de Lilli, pois a mesma desejava perpetuar a cultura judaica. Essa cerimônia estabeleceu um casamento misto, também chamado em alemão de “Mischere”, prática que posteriormente foi proibida.¹⁴ Os recém casados se mudaram para Immenhausen, município menor de Hessen, nesse mesmo ano. A convivência matrimonial, ainda que conturbada em certos momentos por desentendimentos cotidianos como demonstrado nas cartas publicadas na obra analisada, gerou cinco filhos: Gerhard, Ilse, Johanna, Eva e Dorothea. Eles foram batizados no protestantismo, seguindo a religião do pai por opção da senhora Jahn, pois a mesma simpatizava com alguns costumes não-judeus dentro de casa devido a interação desde jovem com um judaísmo menos ortodoxo no período no qual residiu com os pais, em parte pela influência de sua mãe. Ao contrário dos filhos, Lilli não se converteu ao protestantismo, continuando com algumas referências e comemoração de datas religiosas judaicas, como podemos notar em algumas datações de cartas do período, mas também festejando outros feriados cristãos, como o Natal.

Sua rotina se altera após a outorga de vários decretos nazistas a partir de 1935, quando começou o período de cerceamento dos direitos dos judeus na Alemanha. Ocorreu a mudança do governante pelo prefeito Karl Gross da cidade onde residiu, que

¹³ A irmã de Lilli teve um relacionamento com . Ele foi considerado um homem que não conseguiria manter o alto padrão de vida de Elsa.

¹⁴ Normalmente aconteciam casamentos entre mulheres arianas e homens judeus. Esse tipo de casamento não era muito comum, uma vez que os judeus preferiam se casar com pessoas de sua própria religião. Sendo assim, representavam uma pequena taxa dos casamentos. Kaplan explora a relação dos casamentos mistos na Alemanha em um período posterior e busca com isso mostrar como as proibições desse tipo de união refletiram no cotidiano de casais, abordando sob uma perspectiva mais fechada como a mulher e a relação de gênero se desenvolveu dentro da comunidade judia nos anos referentes a guerra. “Jewish and “mixed” families” IN KAPLAN, Marion A. *Between dignity and despair: Jewish life in Nazi Germany*. Oxford University Press: , 1998. p. 74-93.

era chefe do grupamento local da NSDAP e que reportava suas atividades para seus superiores localizados em Hofgeismar, nas quais controlava a quantidade de judeus e as cartas eram censuradas. As leis de Nuremberg, também conhecidas como “Leis de Nuremberg para a proteção do sangue alemão e da honra alemã”, promulgadas em 15 de setembro de 1935, definiam em seu primeiro artigo a partir daquela data “a proibição dos casamentos entre judeus e súditos do estado de sangue alemão ou de sangue parente.”(Tradução livre) Como definido nessa lei no artigo 5 parágrafo 1 “Toda pessoa que transgrida a proibição referida no artigo 1, será castigada com pena de prisão e trabalhos forçados.”(Tradução livre). Devemos ressaltar que essa lei era apenas válida para matrimônios posteriores a data do decreto, não anulando os casamentos anteriores a sua promulgação. Segundo o primeiro regimento da lei de cidadania do Reich, de 14 de novembro de 1935, se define quando alguém considerado Mischere, ou seja, filho de casamento misto, era considerado como judeu. Como os pais de Lilli se afastaram dela após o casamento e a lei não era retroativa, como dito acima, os filhos dela estariam a salvo das perseguições. Essa lei outorgava que

2) um Mischling é um súdito do Estado, a quem, igualmente, se considera como judeu, quando, além de ser descendente de avós totalmente judeus:

a) havia sido membro da comunidade religiosa judia no momento da promulgação dessa lei, ou houvesse admitido a lei posteriormente;

b) estivera casado com um judeu no momento da promulgação dessa lei ou não se judeu nascido de um casamento com um judeu posteriormente;

c) tenha nascido de um casamento com um judeu, segundo o parágrafo 1, contraído posteriormente a promulgação da lei para a proteção do sangue alemão e da honra alemã, de 15 de setembro de 1935” (Tradução livre)¹⁵

Como reflexo da promulgação desses decretos, houve um afastamento de amigos dessa família judia, pois eles estavam temerosos com represálias do Estado alemão. Os habitantes dessa região passaram então a segregar os profissionais dessa religião. Essa medida provocou o isolamento desses dois médicos, resultando em ao boicote econômico e diminuindo a quantidade de pacientes atendidos. Estabeleceu-se, então, apenas comunicação através de correspondências com judeus e com alguns primos desse casal. Isso impactou na vida de Lilli pois ela não frequentou mais peças de teatro,

¹⁵ Artigo 2 da *Ley de Nüenberg para la proteccion de la sangre alemana y del honor aleman. y Primer reflamento de la ley de ciudadanía del Reich.* Disponível em: <http://www.yadvashem.org/yv/es/holocaust/about/pdf/Nuremberg15.9.1935.pdf> Acessado em 23/04/2015.

pois foi proibida de estar nesses locais, e se encantou dentro de seu lar, praticando as atividades domésticas e lendo suas obras favoritas, que depois discutia com o marido.

A senhora Jahn abdicou da profissão para cuidar dos filhos, ficando em casa com uma governanta, enquanto seu cônjuge mantinha sua prática como clínico geral em um consultório localizado em Kassel, uma cidade vizinha. O casamento de Lilli e Ernst foi abalado com a descoberta de um relacionamento extra-conjugal do marido com Rita Schmidt, uma mulher ariana que o auxiliou em seu consultório e que residiu na mesma casa em Immenhausen, juntamente com a família Jahn. Abalada com a descoberta, Lilli prefere continuar com os filhos e relata seu sofrimento em cartas trocadas com amigos. Em 8 de outubro de 1942 ocorreu oficialmente o divórcio do casal Jahn, sendo que pouco tempo depois aconteceu o matrimônio entre Ernst e Rita em 14 de novembro do mesmo ano, gerando uma filha.

Após o divórcio, Lilli permaneceu morando com seus filhos em Immenhausen, enquanto o novo casal se mudou para Kassel. Ela voltou a atender como médica, colocando uma placa em frente à sua casa, localizada em Motzstrasse número 3, contendo seu nome e seu título de médica, onde marcava as consultas para os habitantes locais. Seu retorno a Medicina foi impedido pois como judia não poderia exercer sua profissão, segundo uma lei de 25 de junho de 1938, que “proíbe médicos judeus de praticar e relegam um número pequeno para servir como “cuidadores de doentes” (Krankenbehandler) apenas para judeus”(tradução livre).¹⁶ A placa também violou em seu conteúdo outro regulamento de reconhecimento judio outorgado em 17 de agosto de 1938 que determinava que " ela pregou seu cartão de visitas à porta como uma placa provisória. Em sua antiga placa estava escrito: “Dra. Lilli Jahn”. No entanto, de acordo com um decreto de 17 de agosto de 1938, ela, na condição de judia, deveria acrescentar o nome Sara ao seu primeiro nome. Além disso, os judeus foram proibidos de possuir um título acadêmico de doutor.”(tradução livre)¹⁷ e por isso foi detida pela Gestapo em 30 de agosto de 1943. Nessa data, ela era a última judia residente em Immenhausen.

¹⁶ “July 25, 1938: The fourth supplementary regulation to the Reich Citizenship Law (Reichsbürgergesetz) prohibits Jewish doctors from practicing and relegates a small number to serve as “caretakers of the sick” (Krankenbehandler) for Jews only”. MATTHÄUS, Jürgen e ROSEMAN, Mark, eds. *Jewish Responses to Persecution. Volume I, 1933-1938. Documenting Life and Destruction*. Lanham, MD: AltaMira Press in association with the United States Holocaust Memorial Museum, 2010. P. 499

¹⁷ “(...) sie hatte als provisorisches Namensschild eine Visitenkarten na die Tür gesteckt auf dem „Dr. med. Lilli Jahn“ stand- gemäß einer Verordnung vom 17. August 1938 hätte sie als Jüdin ihren Vornamen durch den Namen Sara ergänzen müssen, zudem war es Juden nicht mehr erlaubt einen Dokortitel zu

Inicialmente ela ficou presa em Kassel, sendo destinada posteriormente ao campo de Breitenau¹⁸ quatro dias depois. Durante seu período de confinamento nesse lugar, trabalhou juntamente com outros presos do campo durante 12 horas por dia em uma fábrica farmacêutica da Braun Melsungen em Spangenberg, localizada próxima a cidade onde ficou presa. Essa empresa mantinha uma relação com a Gestapo que encaminhava mão-de-obra para abastecer a demanda dessa indústria. No decurso de seu apresamento, seus filhos tentaram com a ajuda de sua tia por parte de pai, chamada Lore, pedir para que alguns amigos influentes da sociedade local, como a mulher de um oficial da Gestapo, interferissem para tentar uma libertação da senhora Jahn. Houve um pedido de ajuda de Lilli por uma intervenção do ex-marido na tentativa de ajudá-la a sair do campo em uma carta datada de 29 de fevereiro de 1944, no qual escreveu “*Por favor, peça ao papai para ele ir mais uma vez a Gestapo.*”(destaque do autor)¹⁹. Depois do período no qual esteve nesse campo é enviada para Auschwitz em 17 de março de 1944, onde fica em Birkenau no alojamento feminino, e morre em julho desse mesmo ano, em uma data incerta.²⁰

Concomitantemente ao período no qual a senhora Jahn permaneceu detida dentro desses dois campos de concentração, seus filhos viviam no mesmo apartamento no qual residiam antes, sendo supervisionados e assistidos por um adulto normalmente no período noturno, podendo esse ser seu pai, sua madrasta ou uma tia paterna chamada Lore. As filhas menores continuavam frequentando a escola enquanto o filho mais velho foi convocado para entrar no exército e fazer parte da tropa antiaérea. Ernst mantém o contato com os filhos até ser enviado para a guerra, e posteriormente mesmo com sua insistência não conseguiu retomar a comunicação com eles, morrendo em 1960. Dois anos depois seu filho viaja para Israel e plantou duas árvores em homenagem a Lilli no

tragen”. DOERRY, Martin; JAHN, Lilli. „Morgen abend werden wir dann in Auschwitz sein: Lili Jahn: eine deutsche Jüdin 1900-1944“. **Universitas**, v. 57, n. 677, 2002. P. 1118.

¹⁸ O campo de educação do trabalho (Arbeitserziehungslagers) de Breitenau se localiza próximo a Kassel e mais de 8500 pessoas passaram por ele. Como campo de transição, nele foram concentrados principalmente estrangeiros e pessoas influentes.

¹⁹ Carta de Lilli para os filhos de 29 de fevereiro de 1944, epístola enviada pela instituição de Breitenau. Doerry, idem. P. 334

²⁰ A incerteza quanto a data está presente em seu atestado de óbito, conforme podemos encontrar nos anexos da obra de Doerry, variando entre 17 ou 19 de junho de 1944. Doerry, idem. P. 348.

instituto Yad Vashem.²¹ Nessa mesma data, ele preencheu uma ficha com os dados referentes a trajetória da senhora Jahn.²²

1.2 O processo de escrita da obra

Exploraremos a seguir como Martin Doerry estruturou sua narrativa. Abordaremos inicialmente como ele separou os capítulos e depois quais foram as ferramentas por ele utilizadas para escrever, incluindo seu processo de pesquisa e quais argumentos usou para selecionar os fatos descritos.

1.2.1 A divisão de uma vida em cada um dos capítulos

O foco dessa biografia ultrapassa a trajetória de vida dessa mulher, destituída de seu emprego, de sua religião e família. O recorte escolhido pelo autor enfatiza a relação de Lilli com a sociedade local e como foi o impacto da instalação do nazismo segundo a perspectiva tanto de uma vítima do Holocausto quanto de seus filhos. Sua estrutura narrativa se divide em cinco capítulos principais, visando destacar a implementação do nazismo, a repressão contra os judeus, como podemos notar através da escolha do nome dos capítulos e destacar o período de reclusão de Lilli como o mais importante dentro desse processo. A seguir segue um pequeno resumo de cada capítulo:²³

a) Introdução

²¹ “*Kaum dreißig Kilometer entfernt und doch unerreichbar*” Disponível em <<http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezension-sachbuch-kaum-dreissig-kilometer-entfernt-und-doch-unerreichbar-11291531-p3.html>>

²² Essa ficha está cadastrada no sistema referente a vítimas do Holocausto, na qual está presente informações como nome, data de nascimento, lugar de origem e quando morreu. Ela faz parte de um registro presente em Gedenkbuch – Opfer der Verfolgung der Juden unter der nationalsozialistischen Gewaltherrschaft in Deutschland: 1933–1945. Bundesarchiv Koblenz 1986.

²³ Usaremos a versão traduzida para o português dessa obra, recorrendo em casos específicos a versão em espanhol. DOERRY, Martin. *Meu coração ferido: a vida e as cartas de Lilli Jahn. A história de uma médica e mãe judia na Alemanha de Hitler*. Tradução de Rose Evelyn Noa Guimarães. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

Nessa parte do texto, o autor ressalva a importância dos estudos sobre o Holocausto e demonstra como a vida exemplar de Lilli pode ser compreendida pelos leitores como a vida de uma mártir. Nessa parte, Doerry revela seu parentesco com a biografada e demonstra a necessidade dos descendentes em retomar essa memória para que não se esqueçam das tragédias ocorridas durante a Shoah. Ele explica o método usado para a escrita da obra, ressaltando suas indagações e como conseguiu o acesso as cartas posteriormente selecionadas para a manufatura do texto.

b) Uma família judia em Colônia

No primeiro capítulo estão descritas as atividades de Lilli desde antes do seu nascimento até o momento em que se casou e se mudou para Immenhausen. Nessa segmentação da obra foram explorados os antecedentes dessa mulher, retomando correspondências desde o final do século XIX trocadas entre seus pais até o momento de sua formação na escola de medicina, incluindo o início de seu relacionamento com Ernst. São destacadas principalmente as cartas trocadas entre seus pais e algumas cartas de amor estabelecidas entre a futura senhora Jahn e Ernst.

c) Os anos de perseguição em Immenhausen

No segundo capítulo se disserta sobre a relação conflituosa entre ela e seu marido, além do nascimento dos filhos. Notamos, durante a leitura, a preocupação do autor em exaltar a convivência desse casal e seus diálogos com outros, revelados a partir de correspondências transcritas na obra e enviadas durante períodos diferentes. Ao mesmo tempo, corresponde ao desgaste do matrimônio culminando na separação. As correspondências dessa parte são destacadas sobretudo pelo diálogo com outros casais amigos de Lilli.

d) O exílio em Kassel

No terceiro capítulo trata do período no qual se separou até o momento em que foi presa pela Gestapo. Nesse período se ressalta para o leitor a personalidade forte de Lilli através do seu papel de mãe, destacando sua relação de cuidado com os filhos e poucas cartas nas quais relata sobre a saudade sentida do ex-marido. Notamos também a preocupação em pontuar a perseguição aos judeus e como ela, a última pessoa dessa religião na cidade, foi perseguida e separada de seus descendentes. Embora com menos cartas, nessa parte se destacam as correspondências trocadas com familiares.

e) O campo de trabalhos forçados de Breitenau

Essa é a parte mais longa da obra. No quarto capítulo, podemos perceber através das cartas enviadas pelos filhos, sobretudo a mais velha, Ilse, como estava o cotidiano das filhas que estavam morando sozinhas em um apartamento, pois o irmão mais velho foi chamado para o exército, e de sua mãe, em poucas cartas sobreviventes do período. Destaca-se a narrativa das crianças perante a guerra, como notamos nas cartas referentes ao bombardeio incendiário.²⁴ Além dos filhos, estabelece o diálogo com Lore, sua cunhada e com sua prima, Lotte.

f) A morte em Auschwitz

Por fim no último, mais curto que os anteriores, aborda os momentos finais, reproduzindo a última epístola escrita por Lilli antes de embarcar para Auschwitz e o atestado de óbito emitido nesse campo. A obra termina com um epílogo relatando o destino dos filhos no momento posterior a guerra. As filhas de Lilli imigraram para a Inglaterra e o único que permaneceu na Alemanha. Como dito anteriormente, cada uma dessas partes possui uma preocupação ligada ao judaísmo quanto ao seu título, uma vez

²⁴ Na obra analisada nessa pesquisa há a reprodução de 3 cartas retratando o bombardeio ocorrido em 22 de outubro de 1943. Nesse ataque aéreo, houve a destruição do apartamento onde os filhos de Lilli Jahn estavam alojados.

que há a descrição progressiva do processo de isolamento de Lilli e posteriormente sua morte.

Em sua análise sobre a obra, Schulchalter demonstra como a opção do autor empregada na seleção da obra e em suas subdivisões são importantes para a composição da narrativa, empregando com isso uma alteração quanto aos personagens presentes, ressaltando em cada momento como eles influenciaram e seu diálogo com a biografada. Essas divisões são importantes pois segundo elas podemos entender como houve uma opção temática e não cronológica. Martin pretendeu enquanto escrevia mostrar como o nazismo pode ser o fator para uma leitura sobre a vida de sua avó. Nas partes iniciais, há diálogos estabelecidos através de correspondências nas quais ficam expressos os sonhos. Durante o período no qual esteve na faculdade, a narrativa é centrada na relação com o futuro marido, Ernst. Acrescido a essas fontes transcritas, estão presentes algumas contextualizações para auxiliar o leitor. Em uma breve seriação, percebemos uma preferência por cartas escritas por mulheres ou endereçadas a casais, sendo as poucas escritas para homens tendo Ernst e Gerhard como destinatários.

Exploraremos a seguir melhor essa relação, com base na análise da escrita da obra.

1.2.2 Da escrita da obra: a descoberta de cartas e o processo de pesquisa

A biografia dessa judia foi resultado de um trabalho acadêmico, escrito por seu neto, Martin Doerry. Nascido posteriormente ao conflito, em 1955, ele foi jornalista do periódico alemão *Der Spiegel*, exercendo o cargo de editor chefe entre 1998 e 2014. Filho de um prisioneiro de guerra na Inglaterra e da filha mais velha da biografada, ele recebeu poucas informações sobre sua avó durante a infância. Descobriu aos oito anos que ela morrera em decorrência do Holocausto, porém não entendeu nesse período o que foi esse evento e porque isso a matou. Apenas na década de 1980 leu a obra *Ich wurde vergessen* escrita por uma prima de sua avó, cujo conteúdo contém uma

passagem sobre a história de Lilli, sendo retratada como uma amiga judia muito querida e com a qual perdeu o contato, pois a mesma morreu antes de um reencontro.²⁵

Após vários anos do final da guerra, em 20 de outubro de 1998 morreu o filho mais velho de Lilli, Gerhard, que participou da guerra como soldado lutando pela Alemanha e posteriormente se tornou secretário da defesa desse mesmo país. Durante uma visita ao apartamento do tio falecido, Doerry e outros familiares encontraram cartas que foram reunidas em uma caixa datadas do período da Segunda Guerra e endereçadas a sua avó e outros parentes. Nesse momento, o autor da obra, filho de Ilse, possui o primeiro contato com mais informações sobre o passado de sua avó.²⁶ Até então, apenas sabia que ela era uma judia falecida em Auschwitz. Após a descoberta, houve uma reunião com a família na qual essas cartas foram relidas depois de quase 50 anos.

Curioso sobre esse passado, Doerry reuniu através de entrevistas, livros acadêmicos e da leitura das cartas informações sobre esse momento, visitando também arquivos e consultando um acervo de cartas familiar composto por diversas epístolas que se encontravam com outros parentes guardados por todos esses anos. Como fonte para a composição da biografia o autor também utiliza escritos de uma amiga de sua avó, Lotte Paepcke, pois esta escreveu sobre a Lilli.²⁷ Encontramos durante a pesquisa também dois registros no Yad Vashem feitos por Gerhard e por Doerry, realizados em datas diferentes, como parte de um projeto desse arquivo para o mapeamento das vítimas do Holocausto, no qual se consta o nome, a data do nascimento, a religião e a data de óbito.

A coleta de outras cartas que se encontravam com outras pessoas da família e amigos foi concluída em 2000. A escrita dessa obra se iniciou em 2001 e acabou no ano seguinte. Essas epístolas posteriormente foram devolvidas, como consta no epílogo da

²⁵ Essa obra foi publicada pela primeira vez como *Unter einem fremden Stern*, Frankfurt am Main 1952 e posteriormente republicada como republicada posteriormente como PAEPCKE, Lotte. Ich wurde vergessen. **Bericht einer Jüdin, die das Dritte Reich überlebte. Freiburg, 1979.**

²⁶ Martin Doerry é jornalista e historiador formado na Universidade de Tübingen, com doutorado pela Friedrich-Ebert-Stiftung em 1985. Recentemente lançou um livro sobre testemunhos de sobreviventes no qual entrevista 24 deles. DOERRY, Martin. *Nirgendwo und überall zu Haus*. München: Der Audio-Verlag, 2006.

²⁷ Doerry cita diretamente os trechos referentes a Lilli Jahn em sua obra. Doerry

obra, estando atualmente em espólios familiares.²⁸ A narrativa desse livro é lacunar e cronológica, com enfoque entre os anos de 1930 e 1944, período no qual ocorreu a perseguição aos judeus. O texto possui dois narradores principais: as pessoas que escrevem as cartas e Martin, que insere comentários e informações para disponibilizar ao leitor uma contextualização dos fatos importantes do período, justificando seu recorte factual e temporal.

A proposta da obra ultrapassa a proposta de construção de uma trajetória individual, se preocupando com a formação da família e a relação entre a mãe e seus filhos durante o período referente a guerra, evidenciando as violências perpetradas por meios legais para separação entre os mesmos, destacando o isolamento progressivo da biografada. Em seu conteúdo notamos o relato das atividades comuns, como as novidades da escola das crianças, a constante angústia pela distância entre eles no período de concentração e a incerteza da volta da rotina familiar, mas sempre destacando uma esperança de um reencontro. São poucas as informações sobre a vida no campo, pois Lilli não descreve com detalhes o que ocorria em Breitenau e Auschwitz, relatando brevemente sobre as amizades feitas nos campos e que estava muito cansada por trabalhar muitas horas. Na maior parte das cartas ainda existentes, a senhora Jahn demonstra sua relação protecionista perguntando aos filhos como os mesmos estão e pedindo informações sobre as atividades por eles exercidas.

As principais fontes para a composição da obra foram as epístolas acima referidas. Do total das 570 cartas encontradas, 140 foram selecionadas, sendo reproduzidas no texto finalizado na forma de trechos ou com seu conteúdo completo. Elas compreendem o período entre 1923 a 1944, se intensificando entre 10 de setembro de 1943, quando Ilse envia a primeira carta ao campo de Breitenau, e 5 de junho de 1944, quando Lilli envia sua última carta no caminho para Auschwitz. Dentro dessa amostragem escolhida, 29 epístolas transcritas na biografia foram escritas no período anterior ao campo e 111 no período no qual esteve presa, enfatizando a preocupação do autor em retratar esse intervalo de tempo.²⁹

²⁸ As únicas cartas que possuem uma reprodução em arquivo são escritas dentro de Breitenau. As demais presentes na obra de Martin Doerry tem como única reprodução as transcrições feitas pelo autor.

²⁹ Consideramos nessa pesquisa apenas a documentação correspondente ao período de vida de Lilli, uma vez que a há a aplicação de outras fontes referentes ao período anterior e trocadas entre seus pais.

Notamos nesse segundo montante a troca frequente de correspondências tendo como remetente principalmente a filha mais velha de Lilli, que é mãe do autor. Durante o período de reclusão há o envio de apenas 9 cartas da senhora Jahn, sendo as outras referentes as pessoas que se encontravam fora do campo. Sobre a possibilidade da troca de cartas e sua regularidade, segundo afirmado em entrevista pelo autor: “Minha avó poderia manda-las de volta. Ela recebeu cartas em Breidenhauer [?] e quando ela teve de partir para Auschwitz foi capaz de enviá-los de volta para os seus filhos.”(tradução livre)³⁰ Além desses documentos originais há uma versão de nove cartas escritas por Lilli Jahn no período em que esteve em Breitenau que foram transcritas por Krause-Vilmar num período anterior a publicação da biografia.³¹ Esses são os únicos trabalhos cujas fontes foram as correspondências diretamente consultadas pelo autor, sendo que o mesmo fez suas próprias transcrições através das cartas originais.

O autor optou por um recorte para escolher quais correspondências iriam constar na versão final. Nas cartas de autoria da biografada existentes entre os anos de 1920 e 1930 foi usado como critério de seleção a importância histórica e o que despertasse interesse no leitor, restando a essas não escolhidas a omissão. Quanto as cartas de outras pessoas presentes na biografia, elas foram selecionadas segundo quatro pontos: ajuste com as cartas de Lilli formando uma correspondência, se as cartas são historicamente esclarecedoras com eventos interessantes para os leitores, como o bombardeio de Kassel; se elas trazem algo sobre os medos e preocupações com a mãe e se demonstram ao leitor como se estabeleceram as relações na família Jahn. A seguir estabeleceremos brevemente os correspondentes de Lilli dos momentos referidos na biografia.

Inicialmente a maior parte da correspondência presente nessa biografia expõe a relação entre ela e seu futuro marido, Ernst Jahn. Ele, que nascera em uma família sem

³⁰ “My grandmother was able to send them back. She had received the letters in Breidenhauer [?] and when she had to leave to go to Auschwitz she was able to send them back, back to her children.” Transcrição do evento “My Wounded Heart: Ilse Doerry, Martin Doerry” ocorrido em 03/04/2004, sob o título de “Ilse Doerry and Martin Doerry in conversation with Don Guttenplan - Session Transcript.” Disponível em: <http://www.jewishbookweek.com/sites/default/files/Ilse%20Doerry,%20Martin%20Doerry,%20D.%20D.%20Guttenplan%2004.03.04.pdf> Acessado em 23/05/2015

³¹ A transcrição que se localiza no arquivo de Breitenau e possuem pouca variação com relação as cartas publicadas na biografia por Martin Doerry, possuindo apenas grifos ou pequenas mudanças nas palavras utilizadas com relação a versão do neto da judia analisada. Seus destinatários por datas são seus filhos e apenas uma carta para sua amiga Lotte. Apenas duas foram enviadas legalmente. Krause-Vilmar, Dietfrid (Red.): *Lilli Jahn - Briefe aus Breitenau 1943/44* - Archivexemplar der Gedenkstätte Breitenau, Universität Kassel 1989.

muitas posses e que jovem precisou sustentar a família, conquistou o coração de Lilli. No conteúdo dessas cartas nos deparamos com uma relação conturbada entre ela e seu marido. As cartas de amor entre eles compõem os primeiros capítulos dessa obra, e depois eles cessam as correspondências, embora raramente Ilse se refira a tentativas do pai em manter contato com eles, pois “seu marido Ernst fez o que muitos alemães fizeram- cedeu à pressão antissemita (...) na verdade, ele entregou-lhe em uma placa com a máquina de morte”.(tradução livre)³² Desde o momento da separação, os filhos não restabeleceram contato e com isso ele acabou morrendo solitário, frustrando futuros reencontros. Como destacado pela atitude de que “Ao que parece, mesmo depois de tudo [o que aconteceu], ninguém nunca ousou perguntar-lhe sobre isso. Nem sua esposa, nem seus filhos. Nem durante, nem depois da guerra. Até a sua morte, em 1960, reinou o silêncio.”(tradução livre)³³

Lotte Paepcke (1910-2000), nascida Mayer, que sobreviveu a guerra, foi uma das pessoas com quem Lilli se correspondeu. Lotte também possuía um casamento misto realizado em fevereiro de 1934. Durante o período da guerra, trabalhou em uma fábrica de peles que foi destruída por um bombardeio e depois se refugiou em outro lugar. Esse evento foi narrado em uma carta enviada em 17 de fevereiro de 1944, transcrita na biografia de Doerry³⁴. Posteriormente se tornou uma escritora reconhecida devido a suas obras de literatura. Ela foi uma das pessoas entrevistadas pelo autor da biografia analisada, resultando no último capítulo da obra “*Nirgendwo und überall zu Haus*”.³⁵

Os filhos de Ernst e Lilli possuem uma troca mais frequente de correspondências no período do confinamento com a mãe. Posteriormente Gerhard permaneceu na Alemanha, ocupando cargos relativos a área militar e de segurança do governo. Ilse se mudou junto com as irmãs para a Inglaterra, onde viveram com sua tia Elsa e a avó

³² “her husband Ernst did what so many Germans did- yield to the antisemitic pressure (...) in fact he handed her on a plate to the death machinery”. HAYES, Peter (Ed.). *How Was It Possible?: A Holocaust Reader*. University of Nebraska Press, 2015. P. 134

³³ “Niemand hat ihn offenbar je nach alldem zu befragen gewagt. Nicht seine Frau, nicht seine Kinder. Nicht während des Kriegs, nicht danach. Bis zu seinem Tod 1960 herrschte Schweigen”. Gespenst über den Seiten In Frankfurter Allgemeine, 08/03/2005. Disponível em <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezensionen/belletristik/gespenst-ueber-den-seiten-1214633.html>. Acessado em 12/07/2015

³⁴ Doerry, idem. P. 328-330

³⁵ DOERRY, Martin. *Nirgendwo und überall zu Haus*. München: Der Audio-Verlag, 2006.

Paula. Elas concluíram seus estudos nesse país. Ilse e Johanna se tornaram enfermeiras e Eva fisioterapeuta. Dorothea voltou para morar com o pai. Ela abandonou Immenhausen e se mudou para junto de seu irmão em Marburgo após a morte do pai. Posteriormente, Ilse se casou e retornou a Alemanha, onde ainda vive. A irmã de Lilli, que havia migrado para a Inglaterra, continuou vivendo lá juntamente com sua mãe. A mãe da senhora Jahn morreu em 1997, em Birmingham. Os casais com quem os Jahn se correspondiam, Hanne e Leo Bath e os Papckes, ao final da guerra, evitaram o contato com Ernst após a prisão de Lilli, e perderam o contato com os filhos dela.

Além dessas fontes, também foram incorporados ao texto documentos oficiais referentes a perseguição dos judeus em Kassel, algumas fotos familiares e cartões-postais enviados durante as viagens da senhora Jahn para outros locais a passeio ou nos primórdios do século XX, um passaporte com o carimbo nazista e seu atestado de óbito.³⁶ Devido ao uso de documentos pessoais na composição do texto, essa biografia se assemelha a outros testemunhos importantes do período, como os diários de Anne Frank e de Victor Klemperer, como destacou um crítico literário durante o lançamento do livro.³⁷

Terminado o processo de pesquisa, o autor, em entrevista, afirmou sua motivação para fazer a escrita dessa obra e a principal dificuldade desse processo. Segundo ele

Primeiro eu decidi fazer um documentário familiar, e apenas fotocópias de todas as cartas para que todos pudessem lê-los. Mas depois de um par de meses eu decidi fazer mais, fazer um livro com isso, porque é uma história tão impactante. Primeiro, é claro, eu tive de perguntar a minha mãe e suas irmãs e elas não quiseram. Elas não queriam porque é uma história muito privada: cartas pessoais que não foram escritas para serem publicadas. Por isso tivemos uma longa discussão sobre isso mas, como você vê, no final eu consegui”(tradução livre)³⁸

³⁶ Esses documentos, assim como as cartas, em sua maioria também se encontram em espólio familiar e as imagens conhecidas sobre Lilli Jahn foram reproduções feitas pelo autor e publicadas nessa obra.

³⁷ Essa referência surgiu nas críticas presentes em jornais no período de sua publicação, como demonstrado no editorial do Times em 08/08/2008.

³⁸ “I first decided to make a family documentary, just photocopies of all the letters so that everybody could read them. But after a couple of months I decided to do more, to make a book out of it, because it is such an overwhelming story. First, of course, I had to ask my mother and her sisters and they didn’t want it. They didn’t want it because it is such a private story: private letters which were not written to be published. So we had a long discussion about it but, as you see, in the end I succeeded.” Transcrição do evento “My Wounded Heart: Ilse Doerry, Martin Doerry” ocorrido em 03/04/2004, sob o título de “Ilse Doerry and Martin Doerry in conversation with Don Guttenplan - Session Transcript.” Disponível em: <http://www.jewishbookweek.com/sites/default/files/Ilse%20Doerry,%20Martin%20Doerry,%20D.%20D.%20Guttenplan%2004.03.04.pdf> Acessado em 23/05/2015

A publicação do texto finalizado resultou na disputa entre o público e o privado. Essas epístolas pessoais expõem a intimidade de quem os escreveu, revelando os sentimentos das pessoas e informações privativas. A intenção de Doerry de reescrever o passado só seria possível com a reprodução dessas cartas, pois elas representam como o coração de sua avó foi ferido. Sobre essa temática Lejeune escreve em um ensaio que “Por definição a carta é compartilhada. Ela tem vários aspectos: é um objeto (que se troca), um ato (que pode ser publicado)... E há sempre várias pessoas envolvidas.”³⁹ Para reproduzir as cartas foi preciso que tanto os remetentes quanto os destinatários estivessem de acordo com essa iniciativa, uma vez que eram os depositários dessas fontes. Ou seja, ele precisou entrar em um consenso com os membros da sua família e convencê-los através da história de luta de sua avó para romper com o trauma estabelecido até então. Embora tenha sofrido resistências em um momento inicial, suas tias também participaram de eventos posteriores em homenagem a sua avó.⁴⁰

Para o autor a escrita dessa obra possuía uma função importante para a constituição de sua própria identidade, ocultada pela mãe por anos. Sobre o propósito da proposta do livro, Doerry também afirma que “A pesquisa sobre a própria família encerra em si muitos quebra-cabeças. Consegui resolver parte deles e creio que isso é uma grande vitória, pois esse processo me concedeu clareza sobre minha própria vida. Tanto que, com certeza, também escrevi o livro para mim mesma.” (tradução livre)⁴¹ Veremos posteriormente sobre essa relação estabelecida entre a segunda geração com a Shoah.

Essas correspondências são, portanto, o fator de diferenciação dessa biografia em relação a outras obras sobre o mesmo período. Elas são uma forma testemunho contido nessa obra e que fascinaram aos leitores devido ao seu conteúdo, pois como destaca Bachrach “a carta é naturalmente pessoal, e a única voz do escritor para guiar a

³⁹ LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG 2008. P. 252

⁴⁰ Houve uma inauguração de uma placa com o nome de Lilli na qual estiveram presentes três filhas de Lilli.

⁴¹ “Die Erforschung der eigenen Familie enthielt viele Rätsel. Die konnte ich teilweise lösen, und das ist für mich ein großer Gewinn, denn es gibt mir Klarheit über mein eigenes Leben. Insofern habe ich das Buch sicher auch für mich geschrieben.” Wurde im Herzen. *Das Gespräch führte Ivonne von Opel*. Die Welt. 18/08/2002. Disponível em <http://www.welt.de/print-wams/article606166/Wunde-im-Herzen.html>

escrita sobre os acontecimentos: a carta é a alma viva, um eco fiel da voz do falante”.⁴² Por reproduzir o momento particular e sob um ponto de vista subjetivo, as epístolas se tornam no texto de Doerry uma fonte considerada tocante, adjetivo usado pelos jornalistas que escreveram resenhas para periódicos quando ocorreu o lançamento dessa biografia, pois reproduz as ansiedades e a esperança de uma família, através de palavras fraternas usadas pelos envolvidos e pelo uso de despedidas afetivas, como “Mutti”⁴³ e os tratamentos no diminutivo quando se referia a suas filhas, usando apelidos como “ratinha”.

1.3 A divulgação e a recepção da obra

O livro de Doerry recebeu um investimento para divulgação por parte da editora, incluindo viagens para os países de acordo com a tradução no idioma nativo. Como parte desse processo, ele visitou esses locais e onde praticava a leitura de algumas cartas por ele transcritas. Outras instituições, como o Instituto Goethe também fizeram eventos nos quais a memória do Holocausto é retomada. Veremos a seguir a repercussão na imprensa, com base em resenhas escritas no período e com entrevistas cedidas a jornais pelo autor e pela sua mãe.

1.3.1 Na imprensa

Após sua publicação, “Meu coração ferido” se destaca de outros textos sobre a mesma temática pois suas palavras continuaram a ser conhecidas pelos diversos leitores que tiveram acesso a sua trajetória de vida. Devido a essa biografia Martin Doerry ganhou o prêmio Ludwig Marum-Preis em 2010, pois ela se compromete com a vigilância contra todas as formas de intolerância e da humanidade em lidar com estranhos, objetivo principal do prêmio e por ser um documento da cultura da memória

⁴² Zvi Bachrach, ed. *Last Letters of the Shoah*. Trans. Batsheva Pomerantz. Jerusalem: Devora and Yad Vashem, 2004. Print. p. 8-9

⁴³ Termo semelhante a mamãe em alemão.

contra o esquecimento.⁴⁴ Buscaremos entender nessa parte como a crítica recebeu esse livro.

As resenhas dessa obra publicadas nos jornais alemães em 2002 a destacaram como importante dentro da literatura referente ao Holocausto. Os principais jornais abordaram em sua análise a relação familiar como ponto importante dessa narrativa, visando definir dentro dessa obra a questão do sofrimento e da saudade existentes entre a mãe e os filhos durante o período no qual a senhora Jahn ficou confinada em Breitenau. Nelas, Lilli é representada como uma mártir que morreu durante o nazismo para salvar sua família. A fragilidade das crianças também se tornou uma preocupação de todas as resenhas encontradas, uma vez que elas permaneceram sozinhas em um apartamento no período no qual sua mãe ficou confinada.

Como forma de divulgação da obra, ocorreram diversas entrevistas e resenhas publicadas em diferentes tipos de mídias, sobretudo na Alemanha, Inglaterra, Israel e Estados Unidos. Sua repercussão nesses meios aconteceu de acordo com a tradução para a língua dos países, incluindo viagens do autor para a divulgação e entrevistas concedidas a jornais, nas quais ele revelou algumas informações sobre o processo de escrita da biografia e seu desejo pessoal em elaborar esse trabalho, dialogando com a necessidade dos descendentes em manter viva uma memória considerada tabu pelos familiares.

Para a divulgação da obra após a tradução para o inglês em 2004, o autor participou juntamente com sua mãe de entrevistas e leituras, inclusive filmando o documentário “A Letter to Lilli”, dirigido por Roger Childs e gravado em parceria com a BBC, se divide em duas partes: a primeira referente a vida de Lilli, contextualizando o espectador com a história dessa mulher, e a segunda gravada depois de vários anos.⁴⁵ Nessa parte da película foi gravada a visita dos lugares citados na biografia por Martin Doerry e sua mãe, incluindo o campo de Breitenau e o de Auschwitz, registrando

⁴⁴ A importância desse prêmio foi ressaltada no discurso de Doerry quando ele ganhou o prêmio, no qual enaltece as lutas do judeu que deu origem ao prêmio. “Zur Aktualität von Ludwig Marum in unserer Zeit” Disponível em http://spdnet.sozi.info/bawue/karlsruhe/dl/Doerry_Vortrag_Marum.pdf Acessado em 10/05/2015.

⁴⁵ Esse documentário foi exibido em 7 de abril de 2004 pelo BBC1 com audiência de mais de 1,3 milhão de pessoas. Porém, em sua premier alemã o nome foi alterado para “Mein verwundetes Herz: das Leben von Lilli Jahn”, sendo exibido 22 de novembro de 2005.

a impressão deles quanto a retomada das memórias traumáticas presentes nesses locais. Gunnar Richter ressalta sobre a gravação do documentário que

Em 24 de janeiro, Ilse Doerry visitou o memorial na companhia de seu filho Dr. Martin Doerry com o objetivo de participar das gravações sobre a vida de sua mãe e avó Lilli Jahn. Eles foram acompanhar uma equipe de filmagem da BBC de Londres que – por ocasião do lançamento da edição em inglês do livro sobre Lilli Jahn – gravou um filme sobre episódios da perseguição a Lilli e sobre como esses acontecimentos são abordados atualmente. Foi um trajeto penoso para Ilse Doerry adentrar e caminhar mais uma vez pelo terreno e por cada um dos prédios de Breitenau. Nesse campo sua mãe foi mantida prisioneira sob condições subumanas por quase meio ano antes de ter sido deportada para Auschwitz, onde foi executada. Mesmo assim, a Sra. Doerry e seu filho destacaram que o trabalho de rememoração do Memorial de Breitenau relativo à triste vida de sua mãe e avó Lilli Jahn significou muito para eles. (tradução livre)⁴⁶

A divulgação também revelou aos leitores da obra o ponto de vista de Ilse sobre essas memórias. Na reportagem publicada pelo jornal El País durante a divulgação da tradução para o espanhol realizada em Barcelona, Ilse afirmou que “nos parecia duro descobrir a vida de nossa mãe, mas agora estamos felizes por termos feito.”(tradução livre)⁴⁷ Em outras reportagens, ela sempre destaca que como testemunha do evento, ela precisa perpetuar essa memória de sua mãe e assim realiza leituras das cartas dela, como seu filho.

1.3.2 A recepção acadêmica da obra

Durante as propagandas de distribuição da obra, foi ressaltado seu caráter narrativo sentimental e como essa obra tocava as pessoas. Outros tipos de trabalhos

⁴⁶ „Am 24. Januar besuchte Ilse Doerry gemeinsam mit ihrem Sohn Dr. Martin Doerry die Gedenkstätte, um bei Filmaufnahmen über das Schicksal ihrer Mutter und Großmutter Lilli Jahn mitzuwirken. Sie kamen in Begleitung eines Filmteams vom BBC-London, das zum Erscheinen der englischen Ausgabe des Buches über Lilli Jahn einen Film über die verschiedenen Stationen ihrer Verfolgung und Aspekte des heutigen Umgangs mit diesem Geschehen drehte. Für Ilse Doerry war es ein sehr schwerer Gang, noch einmal das Gelände in Breitenau und einzelne Gebäude zu betreten, wo ihre Mutter fast ein halbes Jahr unter menschenunwürdigen Bedingungen inhaftiert war, bevor sie nach Auschwitz deportiert und dort ermordet wurde. Gleichzeitig betonten Frau Doerry und ihr Sohn aber auch, dass es ihnen sehr viel bedeute, dass in der Gedenkstätte Breitenau an das Schicksal ihrer Mutter und Großmutter Lilli Jahn erinnert wird.“ „Bericht aus der Arbeit der Gedenkstätte Breitenau 2004“ von Gunnar Richter und Horst Krause-Willenberg, p. 8. Disponível em <http://www.gedenkstaette-breitenau.de/rundbrief/RB-24-03.pdf> Acessado em 10/06/2015.

⁴⁷ “Nos parecia duro descubrir la vida de nuestra madre, pero ahora estamos contentas de haberlo hecho”. Martin Doerry relata la vida de Lilli Jahn, destrozada por los nazis. El País. 1 de junio de 2003. Disponível em http://elpais.com/diario/2003/06/01/cultura/1054418405_850215.html

referentes a essa obra foram escritos também por acadêmicos ou publicados em livros teóricos históricos sobre as possibilidades de representação do Holocausto através de escritos de pessoas no período da Segunda Guerra. Faremos um balanço sobre como a academia recebeu o escrito de Martin Doerry.

1.3.2.1 Textos produzidos pelo próprio autor

Doerry escreveu algumas resenhas e textos de divulgação sobre a biografia por ele escrita e sobre o tema Holocausto. Na obra intitulada “*Nirgendwo und überall zu Haus: Gespräche mit Überlebenden des Holocaust*” de 2006, Doerry entrevista 24 judeus famosos, como Saul Friedlander, Elie Wiesel, e Ruth Klügel, entre outros. A obra aborda diversos assuntos, mas sempre com a temática de como a Shoah impactou suas vidas, de modo direto ou indireto. Juntamente com fotos em preto e branco tiradas por Monika Zucht, eles compõem os testemunhos desses sobreviventes e questionam sobre o que é um judeu para eles depois do final da guerra.⁴⁸ As entrevistas foram feitas em lugares e datas diferentes, que foram anexados na parte final da obra. Assim como a obra “*Meu Coração Ferido*”, esse segundo livro sobre a mesma temática também se tornou uma obra de referência sobre o assunto.

Doerry também escreveu um artigo na revista *Universitas*, intitulado com uma frase referente a última carta escrita por sua avó: “Amanhã de noite estaremos em Auschwitz”, no original “Morgen abend werden wir dann in Auschwitz sein: Lilli Jahn: eine Deutsche Jüdin 1900-1944”.⁴⁹ Ao se posicionar sobre o porquê o lançamento de novos livros ou documentos sobre o assunto, Doerry afirma que (...) cada nova biografia, cada fonte autêntica do período nacional-socialista atinge também novos leitores e isso por si só já é uma vitória para a cultura política da contemporaneidade e para a consciência histórica das futuras gerações.”⁵⁰ Mesmo com os testemunhos de sobreviventes, ele entende que falta dar voz aos silenciados nos campos de concentração e é por isso que ele propõe recontar a história através das epístolas de sua avó. Esse

⁴⁸ Doerry, Martin *Nirgendwo und überall zu Haus* Gespräche mit Überlebenden des Holocaust.", Martin Doerry, Fotografien von Monika Zucht. Deutsche Verlags-Anstalt, München, 2006.

⁴⁹ DOERRY, Martin; JAHN, „Lilli. Morgen abend werden wir dann in Auschwitz sein: Lili Jahn: eine deutsche Jüdin 1900-1944.“ *Universitas*, v. 57, n. 677, p. 1118-1129, 2002.

⁵⁰ “(...) Jede neue Biographie, jede authentische Quelle aus der NS-Zeit erreicht auch neue Leser und das ist schon deswegen ein Gewinn für die politische Kultur der Gegenwart und das historische Bewusstsein kommender Generationen.” Idem, p. 1119.

artigo se divide em 3 partes, sendo na primeira uma explicação do porquê da escrita dessa biografia, seguido por uma breve introdução sobre quem era o seu objeto de estudo e finalizando com a reprodução de cinco cartas do período de confinamento e uma transcrição sobre o obituário. Além desses textos, também estão anexadas fotos que foram usadas na biografia.

Doerry escreveu o artigo intitulado “Rethinking Remembrance”⁵¹, no qual descreve o papel dos descendentes para rememoração desse evento. Como ponto principal para a continuidade dessa memória, destaca a necessidade em se aproveitar os sobreviventes para que os mesmos testemunhem, usando como exemplo sua mãe e como o fato de ela ser uma sobrevivente altera a percepção do ouvinte. Como resultado dessa atitude, o objetivo é despertar nos ouvintes uma obrigação em transmitir a memória do Holocausto, formando uma memória secundária e impedindo o esquecimento. Segundo o autor

A biografia de minha avó Lilli Jahn nunca teria visto a luz do dia sem os relatórios e explicações de suas quatro filhas. Eu ainda era capaz de consultar sobreviventes e agora pode passar informações sobre o seu destino para a próxima geração. Meus filhos também ainda podem aprender alguma coisa com a sua avó, filha mais velha de Lilli, Ilse. Mas na geração posterior, ou mais tardar, o segmento de comunicação com a geração dos sobreviventes vai ter terminado. Nesse ponto, tudo ter sido dito, e silêncio irá prevalecer, mais uma vez. (tradução livre)⁵²

Outro ponto importante desse artigo é sua discussão sobre como é necessário também repensar sobre uma memória comemorativa do Holocausto, instituída através dos eventos e centros de rememoração coletiva.

Doerry defendeu uma tese em 1985 intitulada “*Übergangsmenschen: die Mentalität der Wilhelminer und die Krise des Kaiserreichs*”, que foi publicada no ano posterior. Nesse trabalho histórico, ele analisa a alteração da mentalidade durante a mudança do governo do imperador Guilherme para a crise do final do império, usando

⁵¹ Martin, Doerry. “Rethinking Remembrance” IN Kramer, Naomi. *Civil Courage; a Response to Contemporary Conflict and Prejudice*. New York: Peter Lang, 2007. P. 35-46

⁵² “The biography of my grandmother Lilli Jahn would never have seen the light of the day without the reports and explanations of her four daughters. I was still able to consult survivors and can now pass on information about her destiny to the next generation. My children also can still learn something from their grandmother, Lilli’s oldest daughter, Ilse. But in the generation after that at the latest, the thread of communication with the generation of the survivors will have ended. At that point, everything will have been said, and silence will prevail once again.” Idem, p. 42

como fontes autobiográficas. Ele reconstrói através dessas trajetórias de vida a transição do pensamento alemão do final do século XIX para o século XX.⁵³

1.3.2.2 Textos escritos por outros autores

Recentemente na obra de Stefan Bolmann intitulada “Briefe liebe ich, für Briefe lebe ich: die schönsten Frauenbriefe” houve a publicação novamente de uma epístola presente na biografia escrita por Martin. Bolmann se propôs nesse livro através da seleção de cartas redigidas por mulheres influentes, como . Assim como Doerry, Stefan reproduziu cartas escritas por mulheres que se destacaram em momentos históricos diversos, divididas pelos capítulos por uma opção temática. Lilli Jahn se insere na escolha do autor na parte correspondente as cartas enviadas por mães, na qual reproduz uma carta enviada para sua irmã.⁵⁴

Outro estudo sobre a obra de Martin está na parte final da obra “Ecrire après Auschwitz: mémoires croisées France-Allemagne”. Esse trabalho de literatura comparada visa delimitar como funciona houve a escrita sobre a guerra nesses dois países tomando como base o paradigma de Auschwitz, reunindo textos de outros autores para compreender como essa reflexão sobre os resquícios desse conflito mundial ainda estão presentes. No recorte usado pelos três autores há uma breve explanação sobre esse caso específico de vítima.⁵⁵ Ao retratar a trajetória dessa mulher, os autores demonstram novamente a importância dessa judia no contexto recente da literatura sobre o Holocausto. Juntamente com outros ensaios sobre o tema envolvendo diversas temáticas e pensando na correlação entre a escrita da memória na Alemanha e na França, seu capítulo final intitulado “Le sur l’une victime” ressalta a vida de Lilli como a de uma vítima e aplica os conceitos relativos ao testemunho em uma leitura da obra de Doerry.

A obra de Martin também foi estudada como fonte na tese de doutoramento de Vera Silveira Regert, sendo um exemplo para comprovar suas hipóteses sobre a

⁵³ DOERRY, Martin. **Übergangsmenschen: die Mentalität der Wilhelminer und die Krise des Kaiserreichs**. Juventa, 1986.

⁵⁴ „Die Mutter von Collone schreibt an ihren Schwägerin“ In BOLLMANN, Stefan. *Briefe liebe ich, für Briefe lebe ich*. München: Sandman. 2008. P. 104-105.

⁵⁵ GARSCHA, Karsten; GELAS, Bruno; MARTIN, Jean-Pierre. *Ecrire après Auschwitz: mémoires croisées France-Allemagne*. Lyon: Presses Universitaires Lyon, 2006.

narrativa das vítimas do Holocausto.⁵⁶ Seu trabalho defende a hipótese de um gênero testemunhal presente nas autobiografias de sobreviventes de Auschwitz, com base nas experiências extremas e com referencial teórico em Primo Levi. Em sua categorização, Regert define o texto de Martin como registro biográfico organizado. Ao escrever sobre a arbitrariedade dos comandos alemães quanto a prisioneiros judeus, ela escreve que “A disposição irrestrita aos propósitos dos nazistas, psicológica e fisicamente por parte das vítimas, é confirmada na trajetória da judia alemã Lilli Jahn”.⁵⁷, escrevendo sobre como a prisão dessa judia foi por um tempo maior e apontando a indignação de Dorry quando cita que “Lilli acabou passando quase sete meses presa em Breitenau, sem nenhuma explicação oficial.”⁵⁸ Seu exemplo é ainda usado uma última vez ao se referir aos Lagers femininos, como o de Birkenau, onde ela ficou presa, citando trechos de cartas datadas de 3 de outubro de 1943 e uma outra endereçada a sua cunhada. Portanto, a leitura de Regert se preocupa em expor como esses tipos de relatos podem influenciar na historiografia contemporânea.

Assim como na tese de Regert, Sabina Patáková também se apropria da biografia de Martin Doerry como um relato. Em sua tese sobre a memória do holocausto, ela usa o exemplo dessa tese para argumentar sobre as memórias dos descendentes, como por exemplo quando ela afirma que “A próxima geração ainda está lidando com o passado de seus ancestrais, e é por isso que eles aparecem um novo confronto com este tema (ver, por exemplo, a história de Lilli Jahn e liberação testemunho a ela por seu neto)”⁵⁹. Sua vida é analisada juntamente com a de outras seis pessoas e como eles conviveram com as mudanças sociais provocadas pela política de extermínio nazista iniciada em 1942.

Além dessas publicações, o caso de Lilli também foi retomado em uma palestra de Stnad sobre os casamentos mistos, como sendo um estudo de caso importante para a obtenção dessa regra.

⁵⁶ REGERT, Vera Silveira. *Em defesa da herança de Auschwitz: Releitura da História do Holocausto por meio da escritura autobiográfica das vítimas*. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de Santa Cruz do Sul.

⁵⁷ Idem. P. 70

⁵⁸ Doerry apud REGERT. Idem, p. 71

⁵⁹ “Další generace se stále vyrovnávají s minulostí svých předků, a i proto se objevují nové konfrontace s tímto tématem (viz například příběh o Lilli Jahnové a vydání svědectví o ní jejím vnukem).” PATÁKOVÁ, Sabina. *Motýli tam nežili? Paměť holocaustu* [online]. České Budějovice, 2008 [cit. 2015-12-01]. Master's thesis. University of South Bohemia in České Budějovice, Pedagogical Faculty. Thesis supervisor doc. PaedDr. Michal Bauer, Ph.D. Disponível em z: <<http://theses.cz/id/sdmc4p/>>.

Também existem alguns artigos escritos por Gunnar Richter, atual diretor do arquivo de Breitenau, voltado para a educação e atividades relacionadas com o acervo dessa instituição. Entre as diversas publicações desenvolvidas, está a transcrição realizada por Krause-Vilmar das cartas enviadas por Lilli dentro do campo⁶⁰ e também uma cópia do discurso de Richter sobre quando foi inaugurada uma rua com o nome dessa judia em Kassel.⁶¹ Isso só foi possível pois a filha Ilse emprestou ao arquivo da cidade para inspeção e cópia em 1988.⁶² Gunnar também aborda em um texto recente sobre a estrutura do campo de educação do trabalho e cita muitas vezes o caso da senhora Jahn para exemplificar como era a vida dentro do campo, usando principalmente as transcrições das cartas e adicionando outras informações que estão ausentes no texto de Martin Doerry. Richter compõe como funcionava o campo entre 1940 e 1945, pensando em sua peculiaridade com relação a outras localidades com as mesmas funções.⁶³

Ela também foi reconhecida como uma médica exemplar por um conselho de pediatras em uma publicação na qual eles homenagearam os profissionais dessa especialização que morreram durante o Holocausto.⁶⁴ Esse artigo no qual também é analisada a vida de Lucie Adelsberger, propõe, através da trajetória de vida de duas mulheres mortas em meados do século XX, mostrar como seus feitos foram significativos para a sociedade local, mas também as abordando como mártires. Como principal fonte o autor usou a biografia.

O conceito de mártir é aplicado a essa obra por Schulhalter quando a analisa em um capítulo de seu livro.⁶⁵ Nele, ele analisa a obra quanto a sua hibridade narrativa, questionando sobre como o Doerry construiu um romance, devido a seus comentários presentes no texto e nos quais faz reflexões que levam o leitor a uma leitura direcionada

⁶⁰ Esse exemplar pode apenas ser consultado dentro do arquivo, sem possibilidade de reprodução. Krause-Vilmar, Dittfried (Red.): Lilli Jahn - Briefe aus Breitenau 1943/44 - Archivexemplar der Gedenkstätte Breitenau, Universität Kassel 1989.

⁶¹ RICHTER, Gunnar: Ansprache anlässlich der Umbenennung des Platzes vor der ehemaligen Synagoge in Guxhagen in Lilli-Jahn-Platz, in: Verein zur Förderung der Gedenkstätte und des Archivs Breitenau e.V. (Hrsg.): Rundbrief Nr. 31, Kassel 2012, S. 41-43.

⁶² RICHTER, Gunnar. Das Arbeitserziehungslager Breitenau (1940-1945): ein Beitrag zum nationalsozialistischen Lagersystem; Straflager, Haftstätte und KZ-Durchgangslager der Gestapo Kassel für Gefangene aus Hessen und Thüringen. 2011. P. 276

⁶³ Idem.

⁶⁴ SAENGER, Paul. "Jewish pediatricians in Nazi Germany: victims of persecution." In **IMAJ-RAMAT GAN**, v. 8, n. 5, p. 324, 2006.

⁶⁵ SCHUCHALTER, Jerry. *Poetry and truth: variations on Holocaust testimony*. New York: Peter Lang, 2009.

quanto aos fatos importantes. Schulchalter entende que “Meu Coração Ferido” se destaca dentro da literatura sobre o tema pela forma como foi escrito, cujo principal elemento é a capacidade de comoção transformando Lilli em uma mártir que morreu pelos filhos. Ele ressalta como a interferência de Ilse durante o processo de pesquisa enfocou nas opções de Martin, exemplificando esse apontamento com a presença de Ernst apenas nos capítulos iniciais e apagamento nos posteriores, referentes ao pós-divórcio. Portanto, em seu texto aponta diferentes questões quanto a forma e a composição da biografia.

Essa proposta narrativa é destacada também no prefácio do livro escrito por Boehling e Larkey. Em “Sob o fantasma do Holocausto: a vida, a morte e a perda de identidade de uma família judaica na Alemanha de Hitler”, nos deparamos com o resultado de um trabalho de resgate das trajetórias individuais de membros de uma mesma linhagem. Com o apoio de instituições e arquivos, os dois autores conseguiram mapear e contar a história dos Kaufman-Steinberg durante e após o final da guerra, estabelecendo uma genealogia da diáspora e relacionando seus destinos depois da separação imposta pela Gestapo. Quanto a metodologia aplicada para a pesquisa, nas primeiras páginas eles afirmam que

A biografia de Lilli Jahn escrita por Martin Doerry é, em certo sentido, uma abordagem semelhante à nossa, introduzindo na narrativa as cartas de Jahn e seus filhos pequenos. No entanto a situação da família de Jahn é consideravelmente diferente da dos Kaufman-Steinberg. O pai dos filhos de Lilli Jahn não era judeu, o que tornava as crianças menos vulneráveis à perseguição contra os judeus, e a troca de cartas entre Lilli e seus filhos não tinha nada de adulto.⁶⁶

Analisando as especificidades de um casamento não misto e privilegiado, Boehling e Larkey escrevem essa prosopografia familiar sobre o Holocausto. Nesse trecho notamos o destaque para o casamento misto como uma forma de salvação para ambos, pois isso evitou a perseguição dos 5 filhos do casal Jahn e o envio para os campos de concentração. Porém, eles também sofreram com outros tipos de violência, como a psicológica provocada pelo confinamento da mãe, o isolamento em um apartamento no qual precisavam cuidar uns dos outros e com o distanciamento do pai após o divórcio, sendo cuidados pela tia Lore.

⁶⁶ Rebecca Boehling, Uta Larkey. *Sob o fantasma do Holocausto: a vida, a morte e a perda de identidade de uma família judaica na Alemanha de Hitler*. Tradução Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2013. P.31

Sarah Wildman escreve uma resenha na qual equipara a obra de Lilli com a de uma outra mulher cujas correspondências foram transformadas em livro também.⁶⁷ Ela compara “Before Deportation: Letters from a Mother to her Daughters January 1939-December 1942”⁶⁸, escrito por com texto de Doerry pelos dois serem resultados de compilação de correspondências enviadas de dentro de campos de concentração. Wildman aproximou esses escritos devido a fatores parecidos, como serem escritos por mulheres em casamentos mistos, a separação. Hertha Feiner enviou as filhas para estudarem na Suíça, trabalhando em Berlim. Após sua separação, ficou desprotegida também e enviada para um campo de concentração. A leitura com o viés sentimental é retomada. Assim como a senhora Jahn, Feiner escreve sobre sua rotina de trabalhos enquanto esteve confinada. Ao ser deportada para Auschwitz e sabendo alguns fatos sobre esse local, ela cometeu suicídio no meio do caminho. Assim como a família Jahn, foram encontradas 124 cartas guardadas pelas filhas e que foram objeto de estudo, envolvendo entrevistas com os estudantes da mesma sala. As cartas foram compiladas e também se visou uma abordagem sobre a relação sentimental entre essas mulheres.⁶⁹

Eventos pontuais também foram explorados. O episódio referente aos bombardeios incendiários a cidade de Kassel foi retomado como exemplo no livro de Arnold, para ilustrar como estava a cidade e as condições que propiciaram ao ataque.⁷⁰ Seu objetivo nesse livro foi demonstrar o resultado dos ataques aéreos aliados e como eles foram sentidos pelos moradores das regiões devastadas. Ele resgata o isolamento das crianças no apartamento durante a noite do ataque, visando demonstrar o sentimento de pânico, sem nenhum adulto por perto para as confortar.

Fritzche analisou a situação de Lilli sob a perspectiva de sua vida e sobre a diferença entre ela e seus descendentes quanto as novas imposições raciais impostas pelo regime nazista.⁷¹ Assim como os outros autores ele também reproduz duas cartas

⁶⁷ Paperless Love: A Short Reading List from Sarah Wildman. Disponível em http://www.jewishbookcouncil.org/_blog/The_ProsePeople/post/paperless-love-short-reading-list-sarah-wildman/

⁶⁸ FEINER, Hertha. **Before Deportation: Letters from a Mother to Her Daughters, January 1939-December 1942**. Northwestern University Press, 1999.

⁶⁹ Lewin se refere ao conteúdo dessas epístolas em sua resenha como “Her letters are a heart-rending collection of everyday news, wisdom, sadness and “imaginary togetherness”-all of which came to an end on March 12, 1943” LEWIN, Rhoda G. et al. Before Deportation: Letters from a Mother to Her Daughters, January 1939-December 1942. *The Oral History Review*, Vol. 28, No. 1 (Winter - Spring, 2001), P.165.

⁷⁰ ARNOLD, Jörg. *The Allied air war and urban memory: the legacy of strategic bombing in Germany*. Cambridge University Press, 2011. P. 48-9

⁷¹ FRITZSCHE, Peter. *Life and death in the Third Reich*. Harvard University Press, 2009.

escritas durante o período de confinamento, uma enviada por Ilse após o bombardeio em 22 de outubro de 1943 e outra enviada a sua cunhada, datada de 14 de novembro de 1943, na qual pede para que ela cuide de seus filhos durante sua ausência. Ele também versou sobre a questão do trauma presente no texto, pois ao fazer uma comparação entre a mãe e a filha mostra como a visão de cada uma delas é diferente, ressaltando uma mulher preocupada com os filhos e uma jovem que havia assumido o papel da mãe. As correspondências são retomadas no final de sua abordagem como exemplo, quando ele afirma que “o esquecimento das cartas por tantos anos é uma indicação do quão traumáticas podem deslocar a memória para o outro e como as pessoas podem estar envolvidos em suas narrativas particulares.”(tradução livre)⁷²

A principal correspondência reproduzida pela academia foi a enviada para sua irmã quando Lilli pede que cuide de seus filhos por ela. Essa carta, assim como as outras, foram transcritas na obra de Doerry para compor sua narrativa. Seu conteúdo é diferente das outras pois nessa Jahn decidiu permanecer com os filhos e sua família, abandonando a possibilidade de se salvar da perseguição aos judeus na Inglaterra. Sua irmã e sua mãe gastaram muito dinheiro para emigrar e mantiveram contato por carta com Lilli usando codinomes e códigos, pois as mesmas temiam sofrer violência ou boicote por parte dos nazistas.

Durante as leituras dessas análises, nos deparamos com alguns pontos em comum quanto aos temas abordados: Lilli possui a imagem de uma mãe protetora que se sacrificou para permanecer perto dos filhos, o afastamento de Ernst após a separação e como as crianças entendiam a guerra. A opção por permanecer na Alemanha e não emigrar foi compreendida como parte do seu papel de mártir, que preferiu permanecer junto com a família e o marido. Elsa, sua irmã, ofereceu apoio e abrigo na Inglaterra, porém o convite foi negado. Quanto ao afastamento do ex-marido, ele se relaciona com as memórias de Ilse e dos outros tios de Martin que perderam o contato com o pai, por o mesmo não ter interferido e ajudado em um recurso para a libertação de Jahn e por permanecer em um relacionamento com Rita Schmidt. Quanto as crianças, elas sobreviveram a guerra com o apoio econômico do pai, que era ausente, e nutriram a esperança em reencontrar a mãe. A falta de uma figura materna incentivou a transferência dessa responsabilidade para a filha mais velha Ilse, pois ela cuidou dos outros irmãos enquanto a mãe está longe. Essa opção e a escolha pelas cartas

⁷² Idem, p. 232-233.

selecionadas publicadas possuem correlação com o desejo do autor em elaborar uma narrativa focada nas mulheres de sua família.

Como dito anteriormente, o reconhecimento da luta dessa mulher ocorreu somente após a biografia, pois ela se tornou uma mártir por sua opção em não abandonar sua família e sua luta para permanecer com seus filhos. Para destacar sua relevância como quanto ao seu gênero e pela sua religião na cidade onde conviveu com os filhos antes de sua prisão, atualmente existe uma escola de educação básica com seu nome, local onde anualmente os alunos releem anualmente em uma cerimônia na data de nascimento dessa mulher suas cartas como uma forma de não se esquecer do Holocausto e lembrar a resistência dessa mulher perante o poderio da Gestapo.⁷³

Outro evento relacionado a homenagem póstuma pela sua luta foi a mudança de nome de uma praça em homenagem a essa judia, em respeito pela sua luta contra o nazismo.⁷⁴ Durante o discurso de inauguração dessa via, Gunnar Richte, um dos principais historiadores locais cuja pesquisa se foca no estudo do nazismo na região de Hessen, ressaltou que “Com o monumento a Lilli Jahn – na praça em frente à antiga sinagoga – gostaríamos de lembrar também das muitas mulheres, homens e crianças pertencentes à antiga comunidade judaica de Guxhagen, que foram perseguidos e assassinados durante o período nacional-socialista.” tradução livre)⁷⁵ Nesse mesmo dia houve uma entrevista com a filha mais velha da homenageada, que ressaltou sua preocupação ao afirmar que “E depois da guerra? Fomos libertados, mas a memória de nossa mãe nos persegue e pesa sobre nós até hoje.” Ilse Doerry, em sua fala e à sua maneira, afirma que a história daqueles que foram executados não será esquecida.” (tradução livre).⁷⁶

⁷³ A escola Lilli Jahn se localiza na rua Nordweg, 10, Immenhausen. A escola é voltada para as crianças e atualmente atende cerca de 240 alunos.

⁷⁴ Atualmente, essa praça tem uma placa onde se lê: “Dr. Lilli Jahn Platz Dr. Lilli Jahn 1900-1944, Ärztin, Deportiert und ermordet im Konzentrationslager Auschwitz”. A citação de seu título de doutora é importante para reafirmar sua luta, pois foi ele a causa de sua prisão.

⁷⁵ “Mit dem Gedenken an Lilli Jahn möchten wir – auf dem Platz vor der ehemaligen Synagoge – auch an die vielen Frauen, Männer und Kinder der ehemaligen jüdischen Gemeinde Guxhagens erinnern, die während der Zeit des Nationalsozialismus verfolgt und ermordet wurden”. Gunnar Richte. *Ansprache anlässlich der Umbenennung des Platzes vor der ehemaligen Synagoge in Guxhagen in Lilli-Jahn-Platz*. Disponível em <http://www.gedenkstaette-breitenau.de/rundbrief/RB-31-41.pdf> Acessado em 25/04/2015.

⁷⁶ „Und nach dem Krieg? “Wir waren befreit, aber uns verfolgt und belastet die Erinnerung an unsere Mutter bis heute.” Ilse Doerry trägt auf ihre Weise dazu bei, dass das Schicksal derer, die ermordet wurden, nicht vergessen wird. “Die Erinnerung verfolgt die Kinder. 31/08/2008. Disponível em http://www.schwaebische.de/home_artikel,-_arid,2251860.html

Portanto, dentro da historiografia sobre o tema e nos textos acadêmicos elaborados sobre essa obra, nos deparamos com um panorama no qual se destaca a forma narrativa do texto com base nas cartas principalmente e em como sua trajetória individual provocou a longo prazo uma memória traumática nos descendentes, que foi retomada para durante o processo de elaboração da biografia. Embora seja um texto secundário, há a possibilidade de se usar parte das fontes transcritas como texto primário, no qual se objetiva resgatar o testemunho presente nas entrelinhas das cartas.

Capítulo 2 Famílias em tempos de guerra

O começo do século XX na Alemanha foi conturbado politicamente. Esse país perdeu a Primeira Guerra Mundial e em 9 de novembro de 1918 ele alterou seu regime de governo, realizando assim a transição do Império alemão e instaurando uma república democrática parlamentar, sendo esse processo dirigido por Philipp Scheidemann. Como resultado dessa mudança, criou-se a necessidade de um código novo de leis. Houve, então, uma reunião na cidade de Weimar, onde foi definido quais os termos e outorgada a Constituição de Weimar. Dentre suas inovações, propunha que o líder do povo, então chamado de Presidente imperial, fosse eleito democraticamente através do povo e nomeava um chanceler, cujos poderes não eram cerceados pelo presidente, respondendo aos ministros. Além disso, foi instituída a igualdade de direitos entre homens e mulheres e o voto feminino.⁷⁷

Durante as primeiras eleições de 1920, o candidato Friedrich Ebert do partido Social-democrata da Alemanha (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands em alemão e com sigla SPD*) foi proclamado como primeiro ministro alemão. Os vencedores do conflito mundial nos primórdios do século XX pressionaram os alemães através de acordos, assinados meses antes do novo código de leis ser aprovado. Isso gerou uma instabilidade de alguns setores germânicos, pela venda de uma ideia de derrota. Posteriormente esse sentimento de inferioridade foi contraposto por uma identidade de uma união nacional que visou o ressurgimento gloriosos desse país como uma potência, resgatando o passado glorioso de impérios anteriores para se fixar como uma união.

⁷⁷ Atualmente ainda permanece esse sistema de escolha em votações na Alemanha, sendo que o partido com maioria normalmente é o mesmo de quem assume o cargo de chanceler. Esse cargo tem a mesma função do primeiro ministro em outros países parlamentaristas.

Nesse capítulo abordaremos inicialmente como ocorreram essas transformações na rotina desses alemães, através de uma jurisdição legal, incluindo as leis de pureza racial, a perseguição seguida da prisão de judeus e por fim trabalharemos com a contraposição entre a vida dentro do campo de concentração e fora dele dentro da biografia de Lilli Jahn. Para tanto usaremos como escopo os textos de Kaplan relacionado com a família judia.

2.1 A instalação da política nazista antissemita entre 1933 e 1935

Exploraremos inicialmente como novas leis modificaram o dia a dia alemão, com base nas políticas antissemitas. A partir da instalação das leis antissemitas, se iniciou o cerceamento dos direitos dos judeus e de seus descendentes, impedindo-os de trabalhar e provocando ataques violentos a essas pessoas. Sob uma perspectiva jurídica, Bahia afirma que:

A ascensão do nazismo cobrou na Alemanha uma desvinculação do juiz à lei (e à Constituição de Weimar), fazendo com que pretensos direitos naturais suprapositivos se sobrepussem e subordinassem à leitura dos direitos fundamentais. Como nos lembra Ernesto Garzón Valdés, o período nazista, ao contrário do que crêem alguns, é marcado mais por um “jusnaturalismo racista” do que pelo apego positivista à lei.⁷⁸

A eleição de Hitler como chanceler em 1933 foi resultado do descontentamento da população como resultado da crise econômica e política. Com base na constituição de Weimar, cujos poderes desse cargo foram irrestritos, ampliou sua influência sobre a máquina administrativa alemã. Ele dissolveu os partidos políticos, exceto a NSDAP e iniciou uma perseguição aos seus opositores. Essa tensão culminou com o incêndio do Reichstag em 27 de fevereiro de 1933, resultando no fim dos direitos fundamentais dos cidadãos. Para reprimir qualquer manifestação contrária as ordens do chanceler, foram criadas as tropas SA e SS (Sturmabteilung e Schutztafeel, respectivamente). Essas ações de intimidação se iniciaram a partir de 1933, pois como escreve Ernst em uma carta para os Barths: “E ainda por cima, esse chanceler, e esta atitude em relação aos judeus- é inacreditável[sic]”⁷⁹ Os ataques depois do incêndio do Reichstag se espalharam e começaram a afetar os judeus. As notícias sobre a violência começaram a se espalhar.

⁷⁸ BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Ingeborg Maus e o Judiciário como superego da sociedade. **Revista CEJ**, v. 9, n. 30, 2005. P. 10

⁷⁹ Doerry, Martin. Idem, p. 87

Em 23 de março desse mesmo ano ocorreu um ataque em Hofgeismar, quando houve a prisão e a tortura de um grupo de opositores do regime. Esse foi o primeiro momento no qual os Jahn conviveram com essa repressão, pois eles trataram de alguns dos feridos do dia anterior.⁸⁰

Em 1º de abril de 1933 foi imposto um boicote aos negócios de judeus em toda Alemanha, iniciado a partir das 10 horas da manhã em diante. Kaplan escreve que

Naquele dia, tropas de assalto ficaram na frente de lojas de judeus, ameaçando e exortando os consumidores a "comprar de alemães." Como esses boicotes não oficiais continuaram, os nazistas promulgaram legislação discriminatória. As "Leis de Abril" de 1933 previam a expulsão dos judeus da função pública, as profissões jurídicas e médicas, e as escolas pós-primárias, e universidades. (tradução livre)⁸¹

Pessoas que ainda mantinham o contato com judeus também sofreram com esse boicote, tendo seus negócios prejudicados. Eles estabeleceram uma lista de estabelecimentos que deveriam ser evitados. Na lista de Immenhausen, a clínica onde trabalhava o casal Jahn também foi alvo dessa atitude. O número de consultas diminuiu, sendo o primeiro impacto sentido por essa família direto das proibições do novo chanceler. Os que permaneceram em solo alemão precisaram resistir a outras imposições do governo. Lilli escreve para Leo e Hanne Baths relatando que "O boicote social em relação a nós, aqui em Immenhausen, é agora mais complexo do que se podia imaginar(...) Eu mesma quase nem saio de casa."⁸² Levy definiu essas medidas como:

Os judeus passaram a ser vistos, apontados e propalados como seres nocivos à sociedade, e por isso deveriam ser excluídos. Deixaram de ser aludidos como pessoas. Perderam sua cidadania não só na Alemanha, mas em todos os países sobre os quais o domínio da Alemanha passava a se expandir e impor sua política de Estado totalitarista. Sobre esse grupo, toda e qualquer noção de trato humano, humanista e humanitário deixou de existir --- sob o risco de pena capital para aqueles não judeus que ousassem desobedecer à nova lei, por simplesmente considerar um judeu ou uma judia como pessoas, seres humanos que são, mas que, no entanto, foram coisificados pelo nazismo.⁸³

Os títulos e empregos de judeus foram caçados, obrigando-os a abandonarem suas profissões em cargos estatais através da lei para o Restabelecimento do Serviço

⁸⁰ Esse evento é descrito por Doerry. P. 88 e 89.

⁸¹ "On that day, storm troopers stood in front of Jewish stores, threatening and exhorting shoppers to "buy German." As unofficial boycotts continued, the Nazis enacted discriminatory legislation. The "April Laws" of 1933 provided for the expulsion of Jews from the civil service, the legal and medical professions, and postprimary schools and universities" KAPLAN, Marion A. Jewish Women in Nazi Germany: Daily Life, Daily Struggles, 1933-1939. **Feminist Studies**, v. 16, n. 3, 1990. P. 583

⁸² Doerry, Martin, idem, p. 98.

⁸³ LEVY, Sofia Débora. A separação das famílias na Shoah: vínculos na memória e na identidade judaica. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 9, n. 17, 2015. P. 316

Público Profissional, limitando sua participação em esferas públicas. Conforme os dias passaram, os judeus foram isolados, provocando a migração para outros países. Um exemplo foi a irmã de Lilli, Elsa, emigrou em 1933 para a Inglaterra, pois após se formar em química não encontrou trabalho na Alemanha. As irmãs continuaram se correspondendo, embora ocorresse censura em todas elas.

Dois anos depois, as leis de Nuremberg estabeleceram pela primeira vez os judeus não pela sua religião, mas pela sua linhagem. Em uma carta enviada por oficiais nazistas ficou estabelecido que se dividiam os judeus considerados como mistos em dois grupos:

1) Tratamento de primeiro grau Mischlinge

Quanto à solução final da questão judaica está em causa, em primeiro grau Mischlinge são consideradas iguais aos judeus.

A seguir irá ser isentos deste tratamento:

a. Primeiro grau Mischlinge casado com pessoas de sangue alemão, de cujo casamento crianças (de segundo grau Mischlinge) ter nascido, Estes segundo grau Mischlinge são consideradas essencialmente iguais aos alemães.

b. Primeiro grau Mischlinge para quem exceções com recept para qualquer área da vida tenham sido concedidos antes da presente época pelas mais altas autoridades do Partido e do Estado.

Cada caso deve ser reexaminada, e a possibilidade de não se exclui que a decisão pode ser novamente no desfavor Mischlings.

A base para a concessão de uma exceção deve ser sempre os méritos fundamentais do próprio especial Mischling (não os méritos dos pais ou cônjuge de sangue alemão.)

(...)

2) Tratamento de segundo grau Mischlinge

Segundo grau Mischlinge são normalmente classificados com pessoas de sangue alemão, com exceção dos seguintes casos, em que em segundo grau Mischlinge são consideradas iguais aos judeus:

uma. Descendente do Mischling em segundo grau de um casamento bastardo (ambos os cônjuges sendo Mischlinge)

b. Especialmente aparência desfavorável em termos raciais, como vai colocar o Mischling de segundo grau com os judeus sobre a força de sozinho o seu exterior.

c. Especialmente ruim política e classificação político do segundo grau Mischling, indicando que ele sente e se comporta como um judeu.(tradução livre)⁸⁴

⁸⁴“Treatment of first-degree Mischlinge

As far as the final solution of the Jewish question is concerned, first-degree Mischlinge are deemed equal to Jews.

The following will be exempt from this treatment:

O Estado nazista pretendeu após sua outorga purificar a raça alemã, através de um processo no qual se buscava o arianismo e a pureza de sangue de acordo com os antecedentes. Os judeus foram obrigados a usarem estrelas amarelas de seis pontas costuradas nas roupas para facilitar o reconhecimento. Além disso, foram proibidos de frequentar prédios juntamente com outras pessoas de sangue puro, como em transportes públicos. Também andavam com passaportes com um carimbo com um “J” simbolizando judeu. A seguir abordaremos como isso se refletiu nos casamentos mistos, entre judeus e arianos.

2.2 Os casamentos mistos

Dentro da comunidade judaica, havia uma preferência pelas uniões entre pessoas dessa mesma religião, para perpetuar seus costumes e tradições. Mesmo assim, alguns judeus se casavam com pessoas de outras religiões, contraindo uma união mista. Essa

a. First-degree Mischlinge married to persons of German Blood from whose marriages children (second-degree Mischlinge) have been born, These second degree Mischlinge are deemed essentially equal to Germans.

b. First-degree Mischlinge for whom exceptions with receipt to any area of life have been granted prior to the present time by the highest authorities of the Party and the State.

Each individual case must be re-examined, and the possibility is not ruled out that the decision may again be in the Mischling's disfavor.

The basis for granting an exception must always be the fundamental merits of the particular Mischling himself (not the merits of the parents or spouse of German blood.)

(...)

1) Treatment of second-degree Mischlinge

Second-degree Mischlinge are normally classed with persons of German blood, with the exception of the following cases, in which second-degree Mischlinge are deemed equal to Jews:

a. Descendent of the second-degree Mischling from a bastard marriage (both spouses being Mischlinge)

b. Especially unfavorable appearance in racial terms, such as will put the second-degree Mischling with the Jews on the strength of his exterior alone.

Especially bad police and political rating of the second-degree Mischling, indicating that he feels and conducts himself like a Jew.”

DAWIDOWICZ, Lucy S. **A Holocaust reader**. Behrman House, Inc, 1976. P. 79-80

prática foi recorrente até a década de 1930 quando ocorreram os decretos de pureza racial e se começou o cerceamento dos praticantes do judaísmo. Esse tipo de união poderia ser dividido em dois subgrupos, definidos por Kaplan como casamentos privilegiados e não privilegiados, sendo conceituados como

Um casamento misto "privilegiado" consistiu de um casal misto cujo filho tinha sido batizado ou um homem "ariana" e uma mulher judia, independentemente de terem tido filhos. O casamento "não privilegiado" envolveu uma mulher "ariana" e um homem judeu que tinham filhos ou um casal se casaram cujo filho tinha sido inscrito na comunidade judaica a partir de setembro de 1935. Havia muito mais "privilegiados" do que "não privilegiados" casamentos mistos, uma vez que filhos de casamentos tendem a ser batizados. "Sem privilégios" casais e famílias foram forçados a viver em *Judenhauser*, e o parceiro judeu e seus filhos, conhecidos como *Geltungsjuden* desde as Leis de Nuremberg, isto é, reconhecida e tratada como judeus, depois foram obrigados a usar a estrela de David. Em contraste, casais "privilegiados" poderia permanecer nas suas casas e o parceiro judeu não usavam a estrela. Embora essas categorias foram claramente definido pelo Estado, que eram, por vezes, flexível e ajustável, e corruptível enquanto as pessoas tentavam ter-se transferido para a categoria "privilegiado".⁸⁵

Ainda sobre esse primeiro tipo de casamento, Meyer, Simon ressaltam que “O termo "casamento misto privilegiado" nunca apareceu oficialmente na *Reichsgesetzblatt* (Reich Lei Gazette), no entanto, entrou para o vocabulário em dezembro de 1938.”⁸⁶ As pessoas nesse tipo de união também recebiam uma porção de comida melhor fornecida pelo governo. Essa proteção se restringia ao território alemão, não sendo utilizada nas partes anexadas durante a expansão nazista. A partir dos primórdios da década de 1930 houve uma diminuição do número de casamentos com essas características, como comprovam as estatísticas da época. No tocante aos casos privilegiados, havia uma proteção durante essas uniões, pois as mulheres nesses momentos eram reconhecidas

⁸⁵“A "privileged" mixed marriage consisted of a mixed couple whose child had been baptized or an "Aryan" man and a Jewish woman, regardless of whether they had offspring. The "nonprivileged" marriage involved an "Aryan" woman and a Jewish man who were childless Or an intermarried couple whose child had been enrolled in the Jewish community as of September 1935. There were far more "privileged" than "nonprivileged" mixed marriages, since children of intermarriages tended to be baptized. "Nonprivileged" couples and families were forced to live in *Judenhauser*, and the Jewish partner and their children, known as *Geltungsjuden* since the Nuremberg Laws, that is, recognized and treated as Jews, were later forced to wear the Star of David. In contrast, "privileged" couples could remain in their own apartments and the Jewish partner did not wear the star. Although these categories were clearly defined by the state, they were sometimes flexible, adjustable, and corruptible as people tried to have themselves reassigned to the "privileged" category” KAPLAN, Marion A. *Between dignity and despair: Jewish life in Nazi Germany*. Oxford University Press, 1998 p. 148-9.

⁸⁶ “The term “priviled mixed marriage” never officially appeared in the *Reichsgesetzblatt* (Reich Law Gazette) yet it entered the vocabulary in December 1938.” MEYER, Beate; SIMON, Hermann; SCHÜTZ, Chana (Ed.). *Jews in Nazi Berlin: From Kristallnacht to Liberation*. University of Chicago Press, 2009. P. 384

quanto ao seu estado civil, sendo protegidas pelas religiões dos maridos por perderem as suas identidades judaicas com essa união. Esse tipo de relação ainda garantia aos cônjuges uma maior liberdade com relação as uniões puras judaicas, pois

"Mischlinge" e judeus em casamentos mistos estavam em melhor situação do que "completos" judeus, porque eles não estavam destinados automaticamente a ser assassinado, mas eles não foram poupados automaticamente a partir de deportações tampouco. Os nazistas isentaram os " Mischlinge " e os judeus em casamentos mistos desde as primeiras deportações , mas depois houve grandes variações regionais e escritórios locais agiram de forma arbitrária.(tradução livre)⁸⁷

Porém, haviam entraves para a manutenção desse tipo de relacionamento impostas pelo regime alemão. Essas intervenções estatais tinham como finalidade impedir que esse tipo de união acontecesse, para prosseguir com o plano de soberania racial, reduzindo a quantidade de pessoas de sangue “impuro” no futuro. A proibição desse tipo de casamento ocorreu oficialmente em 1935, quando foram vedadas as possibilidades do estabelecimento das uniões inter-raciais.

Como reflexo desse processo, caso acontecesse a dissolução do casamento dessa família, a principal consequência para seus membros era a perda de uma proteção aos parentes judeus, como escreve Berenbaum ao afirmar que “alguns parceiros alemães de casamentos mistos se divorciaram, alguns pela razão covarde de escapar da discriminação, outros tragicamente, na crença equivocada de que este, desde que o parceiro judeu para os campos da morte, a menos que capaz de emigrar em tempo.”(tradução livre)⁸⁸ Os não arianos, nesses casos, foram presos e deportados para os campos de concentração. A implantação dessas leis propunha, portanto, a longo prazo, que o governo nesses casos prenderiam posteriormente os filhos dessa união inter-racial e os executariam, como acontecia com os pertencentes a famílias não privilegiadas.

⁸⁷ *"Mischlinge"* and Jews in mixed marriages were better off than "full" Jews because they were not automatically destined to be murdered, but they were not automatically spared from deportations either. The Nazis exempted *"Mischlinge"* and Jews in mixed marriages from the early deportations, but later there were major regional variations, and local offices acted arbitrarily” Kaplan, Marion A. Op. Cit .P. 190

⁸⁸ “Some German partners of mixed marriages divorced, some for the craven reason of escaping from discrimination, others tragically, in the mistaken belief that this provided the Jewish partner to the death camps unless they able to emigrate in time.”⁸⁸ BERENBAUM, Michael. **The Holocaust and history: The known, the unknown, the disputed, and the reexamined**. Washington: Indiana University Press, 2002. P. 235.

A principal alternativa para os judeus nesse momento foi emigrar para outros países durante a guerra, comprando os passaportes e garantindo sua sobrevivência, como explicamos anteriormente. Conforme começaram os relatos sobre as ondas de violência causadas pelos pogroms e pelos constantes ataques a lojas judias, se espalhou uma onda de terror pelas ruas, conforme podemos confirmar em documentos redigidos na época.

Kassel possuía uma peculiaridade quanto a sua formação. Essa cidade comportou uma das primeiras comunidades judaicas alemãs, a partir do século XIX.⁸⁹ Krause Vilmar destaca que

Um traço característico do judaísmo de Kassel daquela época foi a assimilação tanto da classe média alemã, predominantemente cristã, como do pensamento liberal na cultura e na política. Não foram poucas as famílias judaico-alemãs que aproveitaram a chance representada por Kassel, a capital da província prussiana de Hessen-Kassel, e que ascenderam social e/ou economicamente por meio de seu trabalho. Houve casamentos com cristãos, de modo que famílias com diferentes tradições religiosas se aproximaram. A comunidade judia de Kassel foi berço, ainda, de uma série de personalidades significativas que fizeram história.”.(tradução livre)⁹⁰

As perseguições aos judeus alteraram as características dessa cidade, restando poucos. O medo e as correntes de violência obrigaram a maioria a se mudar. Vários casais que não emigraram continuaram casados mesmo com o afastamento dos amigos e com a segregação da comunidade onde moravam, sendo em alguns casos denunciados para a prisão. No caso de Lilli Jahn, essa situação se agravou pois morou na primeira região onde aconteceram os primeiros ataques antisemitas. Em Kassel ocorreu um pogrom em novembro de 1938, no qual houve a destruição da primeira sinagoga que foi

⁸⁹ Segundo Vilmar: „A seguir, algumas linhas sobre a comunidade judaica de Kassel. Desde o início do século XIX, Kassel contava com uma comunidade judaica significativa e, no início da década de 1930, reunia cerca de três mil membros.” No original: “Zunächst wenige Sätze zur Jüdischen Gemeinde Kassels selbst.5 Kassel hatte seit Beginn des 19.Jahrhunderts eine bedeutende jüdische Gemeinde, der zu Beginn der 1930er Jahre annähernd dreitausend Menschen angehörten” p. 206

⁹⁰ “Charakteristisch für das Kasseler Judentum war zu jener Zeit zum einen die Assimilation mit dem deutschen überwiegend christlichen Bürgertum, zum andern die kulturelle und politische Liberalität. Nicht wenige deutsch-jüdische Familien haben in Kassel, der Hauptstadt der preußischen Provinz Hessen-Kassel, die Chance genutzt und sich gesellschaftlich und/ oder wirtschaftlich erfolgreich hochgearbeitet. Es kam zu Eheschließungen mit Christen, wodurch Familien mit unterschiedlichen religiösen Traditionen einander näher kamen. Im Kasseler Judentum hat es auch eine Reihe bedeutender Persönlichkeiten gegeben, die Geschichte gemacht haben.” Krause Vilmar. Die judenfeindlichen Pogrome in Kassel im November 1938. In: Zeitschrift des Vereins für hessische Geschichte und Landeskunde (ZHG) Band 117/118 (2012/13), p. 218. Disponível em http://www.vhghessen.de/inhalt/zhg/ZHG_117_118/Krause_Vilmar_Pogrome.pdf p. 2

profanada e destruída antes da noite dos cristais quebrados. Popa descreve esse evento como

Kassel era conhecida como o berço da Kristallnacht, a Noite dos Cristais. Líderes da SS e AS foram rápidos para lembrar um e todos que o pogrom, que mais tarde varreu o país, tinha acendido dias antes ali mesmo, nas ruas de Kassel. Na manhã de 07 de novembro de 1938 um jovem judeu de Hanover, cujos pais foram deportados matou um diplomata alemão em Paris. Naquela noite, cerca de trinta bandidos invadiram a sinagoga Kassel, arrastado para fora seus rolos da Torá e objetos cerimoniais, e pô-los no fogo. A polícia ficou de braços cruzados enquanto a multidão invadiu o bairro judeu destruindo casas e empresas. O Kurhessische Landeszeitung elogiou a violência como um protesto espontâneo contra o assassinato em Paris. Dois dias depois, em uma reunião nazista em Munique, Joseph Goebbels, chefe da propaganda de Hitler elogiou a iniciativa. Este foi o apelo a Kristallnacht, a noite de 9 de Novembro de 1938, quando toda a hoodlums Alemanha nazista causou estragos: cento e noventa e uma sinagogas foram destruídas, as empresas judeus foram saqueados, trinta e seis pessoas foram mortas, e muitos foram presos e enviados para campos de concentração. Destes, 258 judeus eram de Kassel.(tradução livre)⁹¹

Após a noite dos cristais quebrados, a violência contra os judeus se intensificou. Enquanto Lilli se manteve em casa, para ajudar a cuidar dos filhos, seu marido manteve o ofício em Kassel. Como explicado na seção referente a estrutura da obra, ele começou a se relacionar com Rita Schmidt. Seu casamento acaba desfeito em 1942 e Lilli se muda com os filhos para Immenhausen, pois não poderia continuar a viver com o ex-marido. Eles se estabeleceram em um apartamento na rua Motz n°3.

2.3 O caso de Lilli Jahn e seus filhos: a vida no campo de concentração e fora dele

⁹¹ “Kassel was known as the birthplace of Kristallnacht, the Night of Broken Glass. Leaders of the SS and AS were quick to remind one and all that the pogrom, which later swept over the country, had ignited tro days earlier right there, in the streets of Kassel. On the morning of November 7, 1938 a young Jew from Hanover, whose parents had been deported killed a German diplomat in Paris. That night , some thirty thugs burst into the Kassel synagogue, dragged out its Torah scrolls and ceremonial objects, and set them on fire. Police stood idly by as the mob rampaged through the Jewish quarter destroying homes and businesses. The Kurhessische Landeszeitung commend the violence as a spontaneous protest against the murder in Paris. Two days later at a Nazi meeting in Munich, Joseph Goebbels, Hitler’s Chief of Propaganda praised the initiative. This was the call for Kristallnacht, the night of November 9, 1938, when all across Germany Nazi hoodlums wreaked havoc: one hundred ninety-one synagogues were destroyed, Jewish businesses were ransacked, thirty-six people were killed, and many were arrested and sent to concentration camps. Of these, 258 were Kassel Jews” Popa, Opritsa D. Bibliophiles and Bibliothieves: The Search for the Hildebrandslied and the Willehalm Codex. De Gruyter Cultural Property Studies. Berlin: Walter de Gruyter, 2003.p. 40 “” P. 40

Como abordado no capítulo 1, o objeto de estudo dessa pesquisa é a biografia “Meu coração ferido”. Dentro dessa obra entendemos as etapas nas quais houve a perseguição de Lilli Jahn, essa judia perseguida pelo nazismo e que permaneceu com a família. Abordaremos o período entre sua separação e seu aprisionamento pela Gestapo, incluindo sua estada nos campos nazistas onde esteve.

Havia um controle constante em relação a quantas pessoas consideradas de sangue impuro residiam em cada cidade depois da instalação do nazismo. Essa medida tinha por objetivo impedir a imigração ilegal. Em relatórios elaborados pelo prefeito em exercício dessa cidade, se constatou que ela era a última judia residente em Immenhausen, sendo a mesma constantemente vigiada e com a correspondência censurada.

Com o isolamento, ela pretendeu trabalhar, abrindo uma clínica em sua casa. Como apontamos anteriormente, ela ficou sob custódia pois a placa presa em sua porta não incluía seu nome de judia e também possuía o título de doutora, infringindo duas leis nazistas. Sua prisão ocorreu em 30 de agosto de 1943. Exploraremos a seguir como era o cotidiano dentro e fora do campo, através da contraposição entre a vida de Lilli e a de seus filhos.

2.3.1 A vida de Lilli durante o período de concentração

Estudos recentes sobre o gênero ligado ao holocausto apontam como viviam as mulheres durante esse período de concentração. Ao entrarem nos campos, passavam por uma seleção, na qual eram separadas de seus filhos e sua família. Depois, eram despedidas e recebiam uniformes dos oficiais. Abordaremos brevemente como as mulheres viviam nos campos de concentração e depois como eram as condições onde Lilli foi concentrada.

Uma vez dentro do campo, as mulheres usavam três estratégias, segundo Weitzman para manter sua sobrevivência: a fome, a preocupação com a aparência e a formação de uma associação no campo de ajuda entre elas, chamada por ela de “Camp

Sisters”.⁹² Quanto ao primeiro ponto, mantinham as conversas sobre alimentação judaica em datas sagradas, mantendo sua identidade judaica. A segunda estratégia consistia em tentar cuidar da aparência com os poucos recursos existentes, como por exemplo esfregar carvão em cabelos grisalhos para parecer mais jovem. A última se referia ao apoio entre as mulheres, que compartilhavam comidas e recursos entre si.

As tarefas destinadas a elas não eram diferentes das dos homens. Como destaca Von Mhlen e Strej: “Nos guetos e campos de concentração as autoridades alemãs colocavam as mulheres para trabalhar sob condições em que frequentemente morriam enquanto executavam suas tarefas.”⁹³ Elas também eram responsáveis por vários ofícios dentro do campo. Nesse mesmo artigo elas destacam que “Além de encarceradas, as mulheres eram obrigadas a trabalhar como escravas e faziam trabalhos mais leves como reparos de roupas, até trabalhos mais pesados, semelhantes aos realizados pelos homens, carregando peso e trabalhando como mão-de-obra em fábricas da época.”⁹⁴

Após extensas jornadas de trabalho, elas retornavam aos alojamentos com condições precárias e insalubres. Esses espaços foram construídos especificamente para abrigar mulheres. Não havia a mistura entre elas e os homens após a seleção. Ravensbrück, também chamado de FKL (Frauen Konzentrationslager- cuja tradução seria campo de concentração feminino) foi o primeiro campo construído para absorver essa demanda criada, sendo o de maior importância para os estudos de gênero atualmente. A segurança desses campos era realizada tanto por pessoas de ambos os sexos.

Os registros de violência em testemunhos de sobreviventes foram recorrentes. Elas sofriam tanto com castigos físicos quanto eram obrigadas a manterem atividades sexuais com oficiais nazistas após longas jornadas de trabalho.⁹⁵ Apesar dessas medidas, elas resistiam tentando manter suas tradições e se apoiando. Após essa breve

⁹² WEITZMAN, Lenore. Women in the Holocaust. In The Holocaust and the United Nations Outreach Programme: Discussion Papers Journal. Vol. II. United Nations Department of Public Information, Outreach Division Nova York, 2012.p. 49-60

⁹³ VON MÜHLEN, Bruna Krimberg; STREY, Marlene Neves. As mulheres e o Holocausto: dando visibilidade ao invisível. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 9, n. 17, 2015. P. 74

⁹⁴ Idem. P. 80

⁹⁵ Sommer nesse trabalho retoma como acontecia a exploração de mulheres concentradas por parte dos nazistas. SOMMER, Robert, Sexual Exploitation of Women in Nazi Concentration Camp Brothels. In: HEDGEPEETH, Sonja M. e SAIDEL, Rochelle G. (Org.). *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust*. Lebanon: Brandeis University Press, University Press of New England, 2010.

introdução, abordaremos sobre como eram as condições de vida no campo de Breitenau, local de onde escreveu para a família, dentro dessas instalações.

2.3.2 O campo de Breitenau: dinâmicas internas

Esse campo foi instalado em uma construção do século XII, funcionando anteriormente como um mosteiro. Em seu projeto inicial acolheria 150 prisioneiros, porém, em 1944 chegou a abrigar entre 900 e 1000 presos, readaptando parte das instalações para comportar a demanda. Entre os anos de 1933 e 1934 se tornou um campo no qual ficaram presos apenas homens por motivos políticos e para finalidades correcionais.⁹⁶

A partir de março de 1940, essa instalação se transformou em um Arbeitserziehungslager (AEL). Esse tipo de construção surgiu na Segunda Guerra Mundial e era exclusivo da Gestapo, sendo resultado de interesses de indústrias locais e servindo como base de mão-de-obra e disciplinamento da classe trabalhadora e da supressão da resistência dos trabalhadores, pois foram listados “como "os motivos da detenção" ocorrem com frequência "recusa do trabalho", "deixe não autorizada local de trabalho", "violação trabalho" ou "sabotagem trabalho"”(tradução livre)⁹⁷. As prisões eram decorrentes, portanto, da violação de regulamentos antissemitas, instituídos pelo regime nazista. Dentre as várias motivações está o caso de Lilli, presa por praticar a medicina e não utilizar o nome judeu “Sara” depois de se separar e perder a proteção que possuía por causa do casamento misto privilegiado.

Entre os confinados ainda se encontravam pastores que haviam pregado contra o regime, pessoas consideradas “inimigas do povo” e judeus. Esses espaços tinham como finalidade aprisionar prisioneiros alemães e depois estrangeiros e trabalhadores europeus, vindos da União Soviética, Polônia, França, Holanda, Luxemburgo, Itália,

⁹⁶ Gunnar escreve um trabalho no qual descreve o dia a dia do campo, incluindo em sua parte final uma listagem de todos os presos desse período.

⁹⁷ „Als "Haftgründe" tauchen häufig auf: "Arbeitsverweigerung", "unberechtigtes Verlassen der Arbeitsstätte", "Arbeitsvertragsbruch" oder auch "Arbeitssabotage"“ Richter, Gunnar (Red.): Die Gedenkstätte Breitenau in Guxhagen bei Kassel. Ein Leseheft. Dritte überarbeitete und ergänzte Auflage, Eigenverlag der Gedenkstätte Breitenau, Kassel 2002. p. 9

entre outros.⁹⁸ Durante seu funcionamento, esse campo abrigou aproximadamente 143 judeus, sendo 80 homens e 63 mulheres, principalmente da região de Kassel. Por ele passaram cerca de 7000 prisioneiros não alemães, de diversas idades. Portanto, esse campo alojava prisioneiros de guerra e pessoas perseguidas pelo regime nazista.

As condições das instalações onde se abrigavam não eram apropriadas pois “Segundo declarações de ex-prisioneiros, os alojamentos recebiam muito pouco ou até mesmo nenhum aquecimento. Isso também pode ser explicado, pois os prisioneiros eram forçados a passar o dia nas frentes de trabalho e, depois, eram trancados nos dormitórios somente à noite.”(tradução livre)⁹⁹ Essa condição estava presente em uma das cartas transcritas na biografia analisada, na qual Lilli relata sobre essa falta de aquecimento. Eles dividiam as camas com mais pessoas e poderiam dormir no chão pela falta de espaço, tendo a capacidade aumentada através do número de leitos em um mesmo espaço. Os internos também sofriam com torturas físicas e violência perpetrada por parte dos guardas, como forma de manter a ordem dentro desse local. As condições sanitárias não eram boas, culminando com uma epidemia de tifo em 1944, após a quebra dos banheiros. Henry Schreck, um preso, escreveu que “se sentia tratado e abrigado como um porco e não como um homem”.(tradução livre)¹⁰⁰

As roupas dos confinados seguiam um padrão. Os homens recebiam uma calça cinza, um casaco da mesma cor e uma boina. As mulheres usavam um vestido de saco feito de tecido grosso e um tipo de tamancos, feitos de madeira, usados sem meia, independente da estação do ano. Embora os filhos tentem mandar novas vestimentas, Lilli lhes escreve “não precisam mandar roupas quentes, aqui só vestimos as roupas do

⁹⁸ Sobre essas detenções, Gunnar escreve que “Os presos dos campos de educação pelo trabalho quase nunca foram opositores políticos mas sim pessoas que, de alguma forma, transgrediram os decretos nacional-socialistas. Os motivos mais recorrentes para justificar as prisões variavam desde meras suspeitas até as chamadas “transgressões contra o conceito de povo”. Dentre essas, mencionavam-se, por exemplo, relações entre alemães e trabalhadores forçados estrangeiros ou prisioneiros de guerra, que muitas vezes foram punidos com crueldade.” No original em alemão: „Die Gefangenen des Arbeitserziehungslagers waren jedoch nicht in erster Linie politische Gegner, sondern Menschen, die in irgendeiner Form gegen NS-Verordnungen verstoßen hatten. Die Haftgründe reichten von bloßen Verdächtigungen bis zu sogenannten "Verstößen gegen das gesunde Volksempfinden". Hierzu gehörten z.B. Beziehungen zwischen Deutschen und ausländischen Zwangsarbeitern oder Kriegsgefangenen, die zum Teil grausam bestraft wurden.“ ibidem

⁹⁹ “Die Unterbringungsräume wurden nach Aussagen von ehemaligen Gefangenen nicht oder vollkommen unzureichend beheizt, was auch dadurch zu erklären ist, dass die Gefangenen tagsüber zu Arbeitseinsätzen gezwungen und nur nachts in die Räume eingesperrt wurden” RICHTER, Gunnar. Das Arbeitserziehungslager Breitenau (1940-1945): ein Beitrag zum nationalsozialistischen Lagersystem; Straflager, Haftstätte und KZ-Durchgangslager der Gestapostelle Kassel für Gefangene aus Hessen und Thüringen. 2011. P. 224

¹⁰⁰Gunnar APUD Shreck, idem, p. 224

instituto.”¹⁰¹ Caso fossem enviadas roupas, elas eram interceptadas pela censura dos pacotes e não era entregue aos destinatários.

Após trabalhar por várias horas e da viagem até as fábricas conveniadas com a Gestapo, eles recebiam pouca ração. Essa fome é relatada pelos sobreviventes e está presente em uma carta na qual a biografada

recebi esta semana dois jornais e três pacotinhos (ao todo, agora, 11), um com pão, um com algumas maçãs e duas pequenas nozes, e outro com maçãs e queijo. Mil agradecimentos. Mas o queijo está mesmo sobrando? E o pão também? Em todo caso estou muito agradecida por tudo que me mandaram, porque aqui recebemos muito pouco para comer, nunca manteiga, nem carne, um pedacinho de salsicha de duas em duas semanas e, no mais, só sopa, e aos domingos é ainda pior.¹⁰²

Para receber visita, precisavam enviar um formulário a uma central localizada em Kassel onde era deliberada ou não. O confinamento não diminuía a vontade de se reencontrar com familiares, como notamos através da leitura de correspondências. Lilli tentou se encontrar várias vezes com os filhos durante as viagens de trem realizadas para a fábrica onde trabalhava, porém sem sucesso. Após os constantes ataques aéreos feitos pelos aliados, houve um controle maior nesse momento do transporte, impossibilitando qualquer contato entre Lilli e seus filhos.

Esse local servia como uma unidade de detenção transitória, pois a maioria dos prisioneiros foi deportado para outros campos de extermínio, como Dachau, enquanto alguns morreram devido as péssimas condições de trabalho e sanitárias, contraindo doenças e pelo desgaste físico causado pelo trabalho excessivo. Desse campo 15 pessoas foram deportadas para Auschwitz, sendo um deles a biografada, onde morreram.

Cartas a parentes poderiam ser escritas apenas a cada quatro semanas e o prisioneiro poderia enviar cartas para a compra ou para seus familiares. Todas as cartas, tanto as de entrada e as de saída foram censuradas pela administração do campo. Apesar do controle sobre as correspondências descrito acima, houve o contrabando de algumas com a ajuda de pessoas ligadas ao campo, atividade essa facilitada por alguns funcionários dessa instituição. Os internos podiam receber também pacotes com intervalos de tempo desde que os destinatários possuíssem autorização para receber. Alguns eram interceptados pela censura e confiscados.

¹⁰¹ Martin Doerry, *idem*, p. 187.

¹⁰² *Idem*, p. 184-185.

Vilmar destaca que “Em parte, esses são documentos pessoais comoventes e, ao mesmo tempo, são os únicos testemunhos escritos das vítimas daquele período. As cartas recebidas também nos permitem compreender como se organizava a burocracia para lidar com o correio dos prisioneiros.”(tradução livre)¹⁰³ Ou seja, através delas podemos cotejar mais informações sobre o cotidiano dos campos. As correspondências produzidas nesses espaços de privação da liberdade são importantes para os estudos relativos ao tema, pois

As cartas dos presos trazem à tona, sobretudo, (além de muitos detalhes sobre o Lager) seus sentimentos, seus medos, desejos e esperanças. Por meio dessas emoções – muito mais eloquentes que, por exemplo, a descrição puramente factual das rotinas ou das rações – é que se expressa a desumanidade do sistema nacional-socialista. (tradução livre)¹⁰⁴

As atividades do campo se encerram em 1945, antes da chegada das tropas aliadas americanas. Em 1982 esse mesmo local se tornou um arquivo sobre esse campo. Esse tipo de documentação é o único produzido pelos prisioneiros e que ainda existem. Durante o projeto para a instalação de um memorial nesse local, essas cartas foram transcritas e seriadas, estando disponível atualmente para a consulta local. Esses documentos pessoais

contém profundas revelações sobre um dos regimes mais brutais do século XX. Eles são indispensáveis como fonte para a compreensão dos nazistas. Eles lançaram luz sobre as vidas dos indivíduos quanto ao novo, inesperado, e muitas vezes terríveis. Uma série de circunstâncias improváveis tornaram eles fontes disponíveis para os leitores contemporâneos. (tradução livre)¹⁰⁵

Nas 9 cartas escritas por Lilli no período em que esteve em Breitenau não revelavam sobre as péssimas condições de vida. Aproveitando as poucas oportunidades para se comunicar com os filhos, escreveu em papel fornecido pelo campo e também em

¹⁰³ “Zum Teil sind es erschütternde persönliche Dokumente und gleichzeitig die einzigen schriftlichen Zeugnisse der Opfer aus der damaligen Zeit. Die erhaltenen Briefe machen auch deutlich, mit welcher bürokratischem Verständnis mit der Post der Gefangenen umgegangen wurde.” Gunnar, idem. P. 277.

¹⁰⁴ “Aus den Briefen der Gefangenen gehen (neben vielen Einzelheiten über das Lager) vor allem ihre persönlichen Empfindungen, ihre Ängste, Wünsche und Hoffnungen hervor. Gerade hierdurch – wesentlich eindringlicher, als z.B. durch rein sachliche Beschreibung der Tagesabläufe oder Essensrationen – kommt die Unmenschlichkeit des damaligen Systems zum Ausdruck.” Ibidem

¹⁰⁵ “The letters and diary entries that follow have profound things say about the most brutal regime in the twentieth century. They are an indispensable source for understanding the Nazis. They shed light on the lives of individuals who lived in new, unexpected, and often terrifying times. A series of unlikely circumstances have made these sources available to contemporary readers” KALSHOVEN, Hedda (Ed.). **Between Two Homelands: Letters Across the Borders of Nazi Germany**. University of Illinois Press, 2014. P. ix

papelão tirado de caixas do local onde trabalhou. Em todas elas, perguntava sobre todos os filhos e sempre expressava suas saudades. Em 1944 enviou sua última carta, antes de ser transferida para Auschwitz. A letra era diferente das epístolas anteriores. Seu conteúdo inclui o medo depois de algumas notícias sobre o que ocorria nesse lugar e um pedido para que cuidasse de seus filhos. Lilli ficou confinada no bloco 24, seção BIIC. As poucas informações desse período estão presentes em sua certidão de óbito.

Portanto, as condições do campo de concentração eram ruins, mas mesmo assim existiam movimentos internos que possibilitavam as pessoas de obterem algumas informações da parte externa. A burocracia e as regras para a manutenção desses locais, que incluíam longas jornadas de trabalho exaustivo e péssimas condições, ainda nutriam a esperança do final da guerra e do reencontro com amigos e parentes. Essa esperança do reencontro ajudava os prisioneiros a resistirem.

2.3.3 Os filhos de Lilli: a vida fora do campo

Após a prisão da senhora Jahn, seus filhos permaneceram na casa onde moravam em Immenhausen. Por serem filhos de um casamento misto e batizados, eles ainda mantiveram os privilégios e não foram perseguidos. Dentro de uma esfera privada eles mantêm seus costumes religiosos, comemorando o natal, entre outras datas festivas. O autor da biografia estudada divide as trajetórias dos filhos entre a casa onde estão as filhas e o alojamento onde o filho mais velho, Gerhard, serviu as tropas antiaéreas.

As opções do autor para expor o cotidiano deles se centram em duas pessoas: Ilse e Gerhard. Notamos essa escolha pois os temas abordados em suas cartas demonstram como ocorreu a convivência também no período posterior a guerra. Gerhard foi retratado dentro de sua rotina militar, atividade mantida posteriormente. Nos dias de folga se juntava as irmãs e nos outros acompanhava o avanço da guerra. Enquanto isso Ilse se preocupa com os outros, enquanto cuida deles, características semelhantes a maternidade. Ela foi a responsável por fazer as atividades domésticas e auxiliar as irmãs mais menores. Quanto a elas, a rotina escolar foi o tema mais recorrentemente relatado nas cartas. Um exemplo desses eventos foi um concurso de

redação ocorrido em sua sala de aula, no qual Johanna descreve as ações do professor e dos alunos.

Os três tópicos das indagações feitas a Lilli durante o tempo em que permaneceu em Breitenau eram o frio, a fome e a saudade. A chegada do inverno retomava a preocupação deles com as condições nas quais sua mãe estava, sempre indagando sobre como ela se protegeria das baixas temperaturas. Eles também se inquietavam na tentativa de mandar mais alimentos para o campo, sobretudo depois de saberem que a mãe comia pouco.

A partir de outubro de 1943, o conteúdo abordado na biografia são as ações ligadas ao auxílio das pessoas e ao aumento dos ataques aéreos. A quantidade de conhecidos vitimados cresceu proporcionalmente a quantidade de bombardeios. O autor destaca o bombardeio ocorrido em 22 de outubro de 1943. A seguir, explicaremos melhor como ocorreu essa ação e a reação dos filhos de Jahn.

2.3.4 O bombardeio de 1943

Em 22 de outubro de 1943 ocorreu o bombardeio incendiário feito por tropas reais britânicas em Kassel. Essa cidade foi alvo desse ataque por ser um centro militar, incluindo uma fábrica de artefatos bélicos, a Henschel & Sohn, que abastecia o exército meios de transporte e peças para a manutenção desses veículos. Durante a guerra eles usaram trabalho forçado obtido nos campos de concentração próximos. Outra instalação atingida foi a fábrica de aviões Fieseler GmbH, responsável pela construção de aeronaves usadas pela Luftwaffe.

Houve o ataque sobre a cidade no qual foram lançadas muitas bombas, causando uma chuva de fogo e com impacto maior, uma vez que as casas eram feitas de madeira e em sua maioria acabaram carbonizadas. As condições climáticas do dia também foram desfavoráveis para a região afetada, pois o vento daquela noite espalhou o foco de incêndio para outras áreas próximas. A ação foi sequencial e iniciada nas cidades próximas, como Frankfurt e Colônia, chegando posteriormente em Kassel.

Como escreve Arnold

Kassel, a antiga residência do Landgrave de Kurhessen, era um alvo principal para bombardeio aliado desde muito cedo na guerra. Geograficamente central da Alemanha, ele foi de grande importância no esforço de guerra: o "Tiger" panzers eo

V1 infame foguetes, entre outros, foram produzidos aqui. Entre 1940 e 1945 a cidade foi bombardeada quarenta vezes. O Comando de Bombardeiros britânicos realizou uma intervenção particularmente prejudicial no ataque na noite de 22 de outubro 1.943. As 1.800 toneladas de explosivos e bombas incendiárias caíram, criando enormes incêndios que destruíram grandes áreas da cidade. Entre 6.000 e 8.500 pessoas morreram e dois terços da população- em torno de 220 mil no momento do bombardeio, incluindo mais de 22.000 trabalhadores forçados foram desabrigados.(tradução livre)¹⁰⁶

Nessa ação foram usados 569 bombardeiros- 322 Lancasters e 247 Halifaxes. O objetivo era bombardear 155 locais, incluindo instalações das fábricas acima referendadas, quartéis e delegacias de polícia, incluindo um escritório da Gestapo. Como resposta alemã, foram abatidos alguns desses aviões graças as tropas anti-aéreas. O alvo era a parte mais antiga da cidade, onde essas indústrias estavam instaladas, mas também vitimou muitos civis que não conseguiram se proteger dentro dos porões dos prédios.

A estimativa quanto ao uso de artefatos bélicos pelos aliados nessa cidade entre janeiro de 1944 e 1945 foi de 1267 minas, 12-19 explosivos, 1409502 de bastões incendiários e 30200 de fósforo.¹⁰⁷ Uma das sobreviventes do evento, a autora Christine Brückner, perdeu seu pai e sua melhor amiga nesse bombardeio. Posteriormente escreveu que “Depois de uma noite como aquela, um vai embora sem olhar para trás”(tradução livre)¹⁰⁸ Naquela noite, formou-se uma *Feuerturm*. Harvey explica que o termo

Feuerturm parece ser usado na Alemanha geralmente para um inflamado pelo bombardeio incendiário que grassa fora de controle: deve ser entendido, contudo, que as tempestades de fogo em Hamburgo e Dresden, e provavelmente em Londres (29 de dezembro de 1940), Rosstock e Kassel não diferiu apenas quantitativamente mas também qualitativamente a partir de qualquer outro grande incêndio em conta os se condições meteorológicas com o fogo em si gerada. (...)”¹⁰⁹

¹⁰⁶ “Kassel, the former residence of the Landgrave of Kurhessen, was a prime target for Allied bombing from an early stage in the war.³⁴ Geographically central in Germany, it was of great significance in the war effort: the ‘Tiger’ panzers and the infamous V1 rockets, among others, were produced here. Between 1940 and 1945 the town was bombed forty times. British Bomber Command carried out a particularly damaging carpet-bombing attack on the evening of 22 October 1943.³⁵ The 1,800 tonnes of explosive and fire-bombs dropped created huge conflagrations that destroyed large areas of the town. Between 6,000 and 8,500 people died,³⁶ and two-thirds of the population— around 220,000 at the time of the bombing, including more than 22,000 forced labourers—were made homeless.” ARNOLD, Jörg. ‘Once upon a time there was a lovely town...’: The Allied Air War, Urban Reconstruction and Nostalgia in Kassel (1943–2000). **German History**, v. 29, n. 3, 2011. P. 452

¹⁰⁷ MacIsaac APUD Beck. BECK, Earl R. The Allied Bombing of Germany, 1942-1945, and the German Response: Dilemmas of Judgment. **German Studies Review**, v. 5, n. 3, 1982 P. 333

¹⁰⁸ ““After a night like that, one walks away without looking back” Brüner APUD Arnold. Idem, p. 463

¹⁰⁹ HARVEY, Arnold D. **Collision of empires: Britain in three world wars, 1793-1945**. London and Rio Grande: The Hambledon Press, 1992. P. 700

O ataque se iniciou aproximadamente as 20:45h e usou como estratégia demarcar uma pequena área a ser atingida com o máximo de munição disponível. Em poucos minutos a cidade foi transformada em cinzas.

No horário do ataque as crianças estavam no porão de sua casa, tendo se recolhido as 20:30h. Esses bombardeios destruíram o prédio onde eles moravam, os obrigando a transferência para Immenhausen. Como resultado disso, Ilse escreveu uma carta em 24 de outubro relatando como houve o combate ao fogo, inclusive com o apoio do irmão mais velho, de licença naquele dia. Ela narra também como eles saíram em meio ao cenário caótico e conseguiram abrigo em outra cidade.¹¹⁰

Johanna escreve também uma carta nesse mesmo dia, e afirmando que “Não consigo imaginar que todas as nossas coisas lindas tenham desaparecido, mas temos que nos conformar”.¹¹¹ Ela descreve como as pessoas estavam vestidas e alguns resultados desse acontecimento, como a destruição das escolas onde estudavam. Mesmo assim ela mantém a esperança, expressa através de frases como “Mamãezinha, não se aflija. O que passou, passou e poderia ser pior.”¹¹² e “Bom, minha querida mãezinha, não fique preocupada”.¹¹³

Esse é o único evento relatado pelos filhos para além da rotina escolar ou doméstica. Mesmo expressando os sentimentos das crianças, a narrativa mostra a fragilidade delas perante a tal fato. Destaco a opção do autor em direcionar novamente a leitura para uma abordagem sentimental, na qual as cartas das crianças refletem o medo sentido naquele momento.

Em tempos de guerra, as famílias se separaram na Alemanha. As políticas intervencionistas e raciais nazistas cercearam os direitos dos judeus, criando decretos para a prisão deles e confinamento em campos de concentração. Buscamos demonstrar como funcionava a dinâmica dentro do campo de concentração de Breitenau, frisando as condições dos internos. Por fim, abordamos a rotina dos filhos de Lilli durante seu confinamento, incluindo o aumento da violência e culminando com o bombardeio aliado incendiário responsável pela destruição de Kassel.

¹¹⁰ Doerry. Idem. P. 221-222

¹¹¹ Idem, p.. 222.

¹¹² Idem, p. 223

¹¹³ Idem. P. 224

Capítulo 3 Como eles escreveram as memórias dos outros

Na década de 1970 houve uma preocupação em se catalogar e se escutar os poucos que viveram aquela experiência ainda vivos para evitar que se repetisse no futuro algo semelhante ao ocorrido durante o regime nazista, formando um acervo de institutos e museus com testemunhos gravados e guardados para as gerações posteriores. Como resultado dessa preocupação, alguns dos filhos desses sobreviventes, sabendo da importância individual de seus parentes nos territórios ocupados naquele período, começaram a escrever sobre sua relação com a Shoah, uma vez que também eram portadores de uma memória de segunda mão. Essa memória foi absorvida a partir dos relatos escutados e começaram a trabalhar para perpetuar o legado relativo a projetos educativos quando as testemunhas morressem.

Nesse capítulo abordaremos como ocorre esse processo da escrita da memória de familiares e como os descendentes trabalham com essa questão traumática. Para tanto usaremos, além da biografia de Martin Doerry, uma obra escrita pela canadense Bernice Einsenstein, intitulada “Eu. Filha de sobreviventes do Holocausto” para entender as narrativas em busca de uma identidade com a Shoah. Em contrapartida também um livro que é uma série de entrevistas intitulado “Tu carregas meu nome: a herança de filhos de nazistas notórios”, escrito por Norbert e Stephan Lebert. Através das

especificidades dessas obras, buscaremos entender tanto as lembranças formadas por filhos de judeus perseguidos quanto de nazistas, visando compreender as diferenças entre esses dois grupos, através da relação entre a memória traumática e o esquecimento. Usaremos o conceito de transferência de Dominick LaCapra como escopo teórico e o de postmemory de Marianne Hirsch.

3.1. A construção do processo de rememoração daqueles que não viveram o Holocausto: a versão dos descendentes de judeus- O caso de Martin Doerry e Bernice Eisenstein

Através dessas duas obras, buscaremos entender como há a representação sobre os limites do Holocausto dentro do processo de construção dessas narrativas, que possuem uma relação com as famílias dos autores, explorando como cada um deles tece sua história com base nas memórias familiares ligadas ao nazismo, usando para isso gêneros diferentes literários. Tentaremos demonstrar como as profissões dos autores influenciam em sua narrativa e como foram recebidos.

3.1.1 Bernice e suas representações familiares

A obra de Bernice Eisenstein intitulada “Eu filha de sobreviventes do holocausto”, foi escrita e ilustrada por essa canadense, sendo publicada originalmente em inglês em 2006. A autora não participou da guerra, porém seus pais eram emigrados judeus que se conheceram em Auschwitz. Ela retratou nessa obra suas memórias de infância e sua relação com o Holocausto, com base em sua experiência dentro de casa com a cultura ídiche.

Como afirma Dreyaniak

Dentro do contexto literário canadense os textos autobiográficos receberam uma posição bastante notável, que é visível, por exemplo, no fato de *The Cambridge Companion to Canadian Literature* (2004) dedica todo o capítulo transversal ao fenômeno das práticas de escrita vida . literatura canadense desde os tempos dos primeiros exploradores até hoje, respondendo a um fluxo constante de imigrantes de vários cantos do mundo, sempre abraçou numerosas tentativas de traçar o autobiográfico e gravar os processos de auto-descoberta, que frequentemente

acompanham a imigração e um de reconsideração da identidade e do passado.(tradução minha)¹¹⁴

A estrutura desse livro é de um perfil autobiográfico, no qual descreveu suas memórias de forma fragmentada, organizando como ela lembrava das histórias escutadas sobre os tempos da guerra e do período posterior vivido por seus pais. Sua narrativa é composta por ilustrações e por textos, nos quais representa suas impressões de como o nazismo passou a fazer parte de sua vida. Sua inovação dentro da literatura canadense está na forma utilizada, uma *graphic novel* relacionado a sua infância. Sua abordagem pode ser entendida dentro das questões de gênero, pois esse é um dos poucos relatos de mulheres sobre o Holocausto, sobretudo de descendente da segunda geração.

Sua narrativa é considerada diferente devido a seus desenhos que compõe uma narrativa ilustrada com um traço próprio, se apropriando de fotos repetidas em outras publicações mas se questionando sobre o porquê desse tipo de representação. Durante a leitura nos deparamos com a interação de imagens com textos, alternando seu conteúdo entre discursivos e com algumas sequências semelhantes de uma mesma perspectiva. Para contar essa trajetória, sua narrativa é composta por desenhos e por uma narrativa em primeira pessoa, nos quais podemos notar uma perspectiva individual e pessoal na qual as palavras não poderiam representar sua forma de se expressar, usando as cores nas ilustrações.

O motivo para a escrita da obra foi a morte de seu pai. Quando mexeu em nos pertences dele, encontrou alguns muito caros a ele, como regatas brancas. Se deparou a aliança de casamento e notou que dentro dela não estava escrito o nome de sua mãe, mas de uma pessoa desconhecida. A partir dessa mudança foi iniciado um processo sobre a relação dela com as memórias de sobreviventes de Auschwitz de seus pais, que imigraram para o Canadá depois da guerra. Isso despertou sua curiosidade e ela buscou, através de outras fontes, como filmes e livros, para entender mais sobre o assunto uma vez que em sua residência havia pouco diálogo sobre o tema.

¹¹⁴ “Within the Canadian literary context the autobiographical texts have received quite a remarkable position, which is visible, for instance, in the fact that *The Cambridge Companion to Canadian Literature* (2004) devotes the whole, cross-sectional chapter to the phenomenon of life writing practices. Canadian literature from the times of early explorers until today, responding to a steady influx of immigrants from various corners of the world, has always embraced numerous attempts at tracing the autobiographical and recording the processes of self-discovery, which frequently accompany immigration and one’s reconsideration of identity and the past” DREWNIAK, Dagmara. Addicted to the Holocaust–Bernice Eisenstein’s *Ways of Coping with Troublesome Memories in I Was a Child of Holocaust Survivors*. **Studia Anglica Posnaniensia**, v. 50, n. 2-3, 2015. P.39- 40

Essa obra não possui um padrão entre a quantidade de páginas escritas e a de imagens existentes. Por opção da autora há um diálogo entre os diferentes tipos de textos e sua intenção de ilustrar ao leitor como ela reproduziria suas emoções e memórias, compondo uma narrativa na qual se misturam suas palavras e as cores, sem a necessidade de uma seriação das imagens. O diálogo estabelecido entre eles distingue Eisenstein de outros descendentes secundários, sendo referência dentro da literatura sobre o Holocausto como um livro baseado no gênero e o primeiro exemplo de *graphic novel* canadense. Embora Art Spiegelman tenha escrito “Maus” anteriormente, sua obra é diferente por retratar pessoas como animais dependendo do grupo ao qual fazia parte e não se aproximando de formas humanas.

As ilustrações tem um traço fluido e são sombrias, com a predominância do contraste entre o preto e o branco. As cores usadas são escuras, representando por meio delas o sofrimento e o fantasma da ausência. Drewniak define essa ausência como fenômeno recorrente entre os filhos de sobreviventes pois “É a ausência dos mortos, a ausência do seu local de nascimento dos pais, a ausência de memória e sua resposta criativa não é apenas para cavar para as histórias, a questionar seus pais”¹¹⁵. Sua preocupação, portanto, se reflete na linguagem, ao utilizar diversos tipos de artes, como quadrinhos, ilustrações e representações de outras fotos sobre o holocausto com seu traço peculiar e enfatizando como ela experimenta o fenômeno dessa transferência do trauma de seus pais, preenchendo essas lacunas com sua criatividade e pesquisa.

Sua narrativa tem como personagens ela, seus pais, alguns familiares e amigos. Ao escrever, ela se compromete com o passado de sua mãe e seu pai e em mostrar qual o seu papel nesse processo. Bernice obtém êxito ao produzir essa história com base em ironias e humor, se contrapondo a outros registros nos quais se visa emocionar o leitor com base nos eventos traumáticos por eles vivenciados. Durante sua infância, ela praticava o judaísmo dentro de casa, inclusive falando ídiche com seus pais e alguns amigos deles. Algumas palavras desse dialeto são descritas em algumas situações. Ela usa desse artifício para reiterar seus costumes dentro da comunidade judaica.

Em sua autobiografia, Bernice concedeu ao leitor uma narrativa sobre a Shoah composta por cores e personagens. Suas opções para se expressar mesclam desenhos e textos, refletindo seu ofício como ilustradora. Portanto, sua representação como uma

¹¹⁵“ It is the absence of the dead, the absence of her parents’ place of birth, the absence of memory and her creative response is not only to dig for stories, to question her parents (...)” Idem, p. 42

menina curiosa entre as memórias dos sobreviventes condiz com sua busca pessoal pela identidade judaica familiar.

3.1.2 A memória traumática judia: como Doerry e Eisenstein reproduziram esse conceito em sua obra

As gerações posteriores possuem o contato com a memória dos sobreviventes do Holocausto e com isso desenvolvem uma memória secundária, baseada também em outras fontes, como livros e filmes. Elas preenchem as lacunas com as informações obtidas, assimilando e reinterpretando elas de acordo com suas aspirações. Dominick LaCapra se apropria de conceitos freudianos para compor seu conceito de transferência. Desenvolve sua psichistória com base nessas reflexões, tendo o trauma objeto de estudo. Ao se referir ao holocausto e as lembranças traumáticas, esse autor escreveu que era preciso “repensar a psicanálise que aborda questões como a transferência e passagem de processamento para o ato, que estão intimamente ligados com o luto e outras formas de ação social que requerem a capacidade de lembrar de uma maneira desejável.”¹¹⁶. A partir dessas concepções foi possível o desenvolvimento de textos sobre o Holocausto pelas gerações posteriores, não como testemunho, mas a partir da elaboração de uma memória secundária.

Embora a estrutura de ambas as obras seja diferente, as duas possuem a mesma preocupação: recontar um passado recente referente a vida de familiares próximos para entender sua relação com o Holocausto, desencadeada após a morte de algum parente próximo. Esses eventos culminam em uma rememoração familiar conjunta relacionada a identidade judaica reiterada como resistente a Shoah. Mas para isso precisaram repensar os reflexos da perseguição judia dentro da esfera particular em que se situavam. A solução em ambas as situações foi a representação da experiência vivida por outras pessoas, superando o trauma gerado pelo luto e tentando uma reelaboração após a morte do parente próximo. Sobre essa leitura traumática da Shoah e a relação com a segunda geração, LaCapra escreve que

¹¹⁶“(…)repensar el psicoanálisis que se ocupa de problemas como transferencia, pasaje al acto y elaboración, que están íntimamente conectados con el duelo y con otras formas de acción social que requieren la capacidad de recordar de una manera deseable.” LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria después de Auschwitz*. 1a ed. – Buenos Aires : Prometeo Libros, 2009. P. 18.

“Refiro-me à posição subjetiva do filho do sobrevivente ou, mais geralmente, o judeu de uma geração mais tarde, especialmente alguém que pretende transformar o Holocausto em um trauma fundamental e, portanto, um significado e identidade fonte paradoxal e talvez impossível. Na verdade, esta posição pode justificadamente ou não, ser ocupada por aqueles que estavam envolvidos no Holocausto para investigar problemas, a ser contactado pessoalmente e através de várias formas de transferência.”¹¹⁷

Dominick LaCapra, ao escrever sobre *Maus*, de Art Spiegelman¹¹⁸, obra na qual foi abordada a relação entre familiar através de uma história em quadrinhos, também destacou que “o filho é a cripta de resíduos traumática de seus pais, fantasmas e obsessões que são transmitidos por gerações, muitas vezes em um aparentemente inconsciente e distorcida.”¹¹⁹ Essa informação pode ser aplicada também aos trabalhos de Eisenstein e Martin. Ao se referir sobre o passado de sua avó durante muitos anos, Doerry reafirmou que se tratava de um tabu em sua casa, por isso não perguntava pois isso magoava sua mãe, por fazê-la lembrar do afastamento do seu pai quando esteve sozinha com seus irmãos e não querer se referir a isso. Bernice precisou trabalhar com a morte recente de seu pai e, assim como aconteceu com Doerry, ela foi privada de muitas informações sobre o período da guerra.

O conceito de LaCapra de transferência pode ser, nessas análises sobre o Holocausto, complementado pelo de postmemory, concebido por Marianne Hirsch. Essa autora propõe que

o termo "postmemory" com alguma hesitação, consciente de que o prefixo "pós" poderia implicar que estamos além da memória e, portanto, talvez, como Nora teme, puramente na história. Na minha leitura, postmemory se distingue da memória pela distância geracional e da história de ligação profunda pessoal.. Eu desenvolvi esta noção em relação aos filhos de sobreviventes do Holocausto, mas eu acredito que podem ser úteis em descrever outras memórias de segunda geração de eventos e experiências traumáticas culturais ou coletivos.(tradução minha)¹²⁰

¹¹⁷ „Me refiero a la posición subjetiva del hijo del sobreviviente o, más generalmente, del judío de una generación posterior, especialmente alguien que pretende convertir al Holocausto en un trauma fundante y así en una fuente paradójica y tal vez imposible de sentido y de identidad. En realidad esta posición puede, justificadamente o no, ser ocupada por aquellos que quedaron involucrados en problemas del Holocausto al investigar, al contactarse personalmente y por medio de varias formas de transferencia“ Idem. P. 202

¹¹⁸ SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹¹⁹ „El hijo es la cripta de los residuos traumáticos de sus padres, los fantasmas y obsesiones que son transmitidos por generaciones, a menudo en forma aparentemente inconsciente y distorsionada“ . LACAPRA, Dominick, idem. p. 202

¹²⁰ “I propose the term “postmemory” with some hesitation, conscious that the prefix “post” could imply that we are beyond memory and therefore perhaps, as Nora fears, purely in history. In my read, postmemory is distinguished from memory by generational distance and from history by personal deep connection. This is not to say that memory itself is unmediated, but that preceded their birth, whose own belated stories are evacuated that can be neither understood nor recreated. I have developed this notion in relation to children of holocaust survivors, but I believe it may usefully describe other second-generation memories of cultural or collective traumatic events and experiences. .” HIRSCH, Marianne. **Family frames: Photography, narrative, and postmemory**. Harvard University Press, 1997. P. 22

Ela ainda complementa que

Postmemory é uma forma poderosa de memória precisamente por causa da sua ligação com seu objeto ou fonte é mediada não por meio de recordação, mas através de um investimento imaginativo e criação. Postmemory caracteriza a experiência daqueles que crescem dominado por narrativas que precederam seu nascimento, cujas histórias tardia própria são evacuados pelas histórias da geração anterior, moldados por eventos traumáticos que não pode ser nem totalmente compreendidos, nem recriado.(tradução minha)¹²¹

Os membros dessa segunda geração, portanto, tentaram reescrever sobre sua identidade e como ela se desenvolveu após a guerra o cotidiano dos filhos sobreviventes, que não necessariamente conviviam com informações sobre o passado de seus pais. A ausência de dados os instigou a imaginar e a criar uma nova escrita sobre a Shoah, na qual preenchem as lacunas com informações obtidas por outras fontes ou com a criatividade. Na obra de Eisenstein essa opção está em suas ilustrações, nas quais recriou através de traços sinuosos sua versão dos fatos. No caso de Doerry, ele trabalhou com a ausência de cartas e com a fragmentação das informações obtidas, uma vez que parte das epístolas encontradas não estavam inteiras. Para sanar essas ausências, ele recorreu a outros tipos de documentação e sobretudo a entrevistas com seus parentes, mostrando sua criatividade através dos comentários presentes na obra.

A migração também aconteceu com os pais de ambos esses autores. No caso da obra de Bernice, ela precisa reconsiderar suas ligações com esse evento com base em suas experiências dentro da comunidade judaica canadense e como essas memórias foram importantes na constituição de sua identidade judia, reiterado pelo uso do ídiche no cotidiano, assim como algumas frases soltas em alemão reforçadas por seus pais. Doerry, por não ser judeu, estabeleceu uma relação com sua avó a partir da morte de seu tio, motivado por descobrir quem foi sua avó.

Ainda segundo esse conceito de postmemory, se procura uma “Cheio ou vazio, postmemory procura conexão. Ele cria onde não pode recuperar. Imagina onde não pode recordar. Ele lamenta a perda que não pode ser reparada.”¹²² Em ambos os casos analisados, essa conexão aconteceu com o apoio das mães e de familiares que

¹²¹ “Postmemory is a powerful form of memory precisely because its connection to its object or source is mediated not through recollection but through an imaginative investment and creation. Postmemory characterizes the experience of those who grow up dominated by narratives that preceded their birth, whose own belated stories are evacuated by the stories of the previous generation, shaped by traumatic events that can be neither fully understood nor re-created.” HIRSCH, Marianne. Past lives: Postmemories in exile. **Poetics Today**, 1996. P. 659

¹²² “Full or empty, postmemory seeks connection. It creates where it cannot recover. It imagines where it cannot recall. It mourns a loss that cannot be repaired.” Idem, p. 664

forneceram documentação e alguns subsídios para os autores. Sobre esses materiais, eles reconstituíram sua relação com os sobreviventes, uma relatando sobre o complexo processo na qual se encontrava por ser filha de vítimas e o outro através da narrativa sobre a vida de Lilli, na qual a sua mãe se destaca durante o período de concentração de sua avó.

Bernice trabalhou diretamente com suas memórias para compor seu relato, expondo sua investigação e os resultados. Sua relação com os pais se reforça em reflexões em trechos como “Passei a entender melhor, de uma maneira mais sentida do que racional, o que meus pais e seus amigos significavam uns para os outros e também a compreender por que sempre foi impossível para mim não me sentir como uma estranha”¹²³ Sua busca foi mais localizada e restrita ao que poderia ter acesso no Canadá, não realizando viagens. Foi através da literatura, de autores clássicos, como os representados em sua página inicial na qual identificamos as imagens de Hannah Arendt, Primo Levi, Elie Wiesel, Charlotte Salomon e Bruno Schulz, grandes pensadores e teóricos sobre o tema, onde obteve outros pontos de vista sobre o holocausto.¹²⁴

Relevante nesses trabalhos também foi a questão da mudança da perspectiva dessas histórias particulares e objetos privados para uma versão pública, na qual o leitor se identificou com o conteúdo e se sensibilizou com a retomada dessas representações. Após a publicação da biografia de Martin, a história de Lilli Jahn se expandiu pelo mundo a partir da leitura em diversos países organizadas em eventos proporcionados por organizações ligadas a memória do Holocausto. Nesses eventos, há conversas com o autor e com isso se formou uma distinção quanto ao papel dessa médica judia e como sua vida foi finalizada, distinguindo essa trajetória individual das demais por ressaltar o papel como mãe. Ilse foi fundamental para a execução do projeto, auxiliando o filho em todas as etapas do processo de pesquisa.

Essas obras também foram adaptadas como películas. Houve a gravação de um filme no qual Doerry visita acompanhado de sua mãe os últimos lugares onde Lilli viveu, resultado do investimento em publicidade da divulgação do livro na versão inglesa. Posteriormente, Martin lançou outros trabalhos também relativos ao Holocausto, no qual entrevista sobreviventes da Shoah e refletiu essa atitude como

¹²³ EINSEINSTEIN, Bernice. Idem, p. 166.

¹²⁴ Idem, p. 7.

sendo um ato necessário para as gerações posteriores em reverberar sobre essas memórias. O livro de Bernice também foi transformado em uma animação desenhada pela autora e narrando trechos de seu livro.

O último ponto em comum que apresentaremos é relativo a objetos de memória presentes nessas histórias. A realização dessas lembranças traumáticas ocorreu graças ao uso de objetos de memória deixados pelos judeus, como cartas no caso de Jahn e uma aliança encontrada em um paletó em Auschwitz no caso dos Einsenstein. A descoberta da história de cada um deles alterou seu significado, adequando-se a novas apropriações e usos até então não existentes. Dentro de suas trajetórias particulares, eles estimularam as pesquisas e reflexões sobre como se lidar com essas memórias traumáticas.

O Holocausto permanece como um grande acontecimento do século XX, com reflexos traumáticos ainda não superados. Refletimos a partir dessas duas obras sobre as motivações dos descendentes em escrever sobre esse assunto, pensando em como eles se reportam ao passado traumático de seus parentes. Ponderando sobre isso, concluímos que embora não tenham vivido a experiência do Holocausto esses dois autores visam em suas obras representar e desvendar sobre eventos do passado calado através de poucas provas no presente, para com isso construir uma vinculação de heroísmo de pessoas de sua família, tendo esses membros sobrevivido ou não. Com uma memória elaborada através de pesquisas sobre o tema, eles podem contribuir para a continuação de uma literatura sobre o tema, seja usando documentos de época quanto revelando o processo de autoconhecimento resultante de um mergulho dentro de si mesmos.

3.2 A memória do perpetrador: como os filhos de nazistas lidam com os fantasmas do passado

Enquanto as vítimas do Holocausto buscam um processo de rememoração constante para não se esquecerem do que aconteceu e para que isso não se repita, em contrapartida há ainda alguns filhos de oficiais nazistas que buscam silenciar sobre o seu passado. As teorias sobre os paradeiros de nazistas em outros países, como Josef Mengele no Brasil e vários outros na Argentina, sempre remontam a ideia de uma proximidade com esses funcionários responsáveis pela solução final e por outras

políticas do Estado nazista. Os estudos sobre o tema elaborados sobretudo na Alemanha e nos Estados Unidos possuem um viés psicanalítico. As pesquisas convergem para tentar explicar como os descendentes da segunda e terceira geração trabalham com esse passado familiar, sobretudo na questão relativa a se ainda possuem culpa pelos atos praticados pelos pais. Abordaremos a seguir duas obras redigidas sobre esse tema, elucidando como os descendentes entendem o papel de seus pais depois dos julgamentos dos mesmos em cortes internacionais.

3.2.1 “Tu carregas meu nome”

Publicado originalmente em alemão em 2000, a obra “Tu carregas meu nome: herança dos filhos de nazistas notórios” se tornou uma obra importante para a reflexão sobre o outro lado, as memórias dos filhos de oficiais nazistas. Normalmente encontramos diversos relatos e testemunhos pertencentes aos judeus que tentam reproduzir o indizível através da arte, música e literatura. Essa obra busca, através de relatos com os filhos de pessoas ligadas a cúpula do partido nacional socialista compreender como eles reagem ao processo de rememoração sobre seus familiares próximos. Essa obra foi resultado de um período entre a década de 1950 e a década de 1990 no qual os autores, pai e filho, entraram em contato com essas pessoas que haviam imigrado e visando com isso reestabelecer quais os passos por eles percorridos após o final da guerra. O processo se iniciara com um projeto do pai no qual ele tinha uma lista com escritos desses descendentes revelando um discurso até então silenciado. Como ressaltam os autores “Na Alemanha todos mantinham distância em relação a esse assunto porque se sabia que ele o trazia para o presente. Mas tampouco no exterior havia uma abertura em relação ao tema.”¹²⁵ Os jornalistas que escreveram essa obra tiveram o apoio das revistas onde trabalhavam para realizar esse projeto.

¹²⁵ LEBERT, Norbert; LEBERT, Stephan. *Tu carregas meu nome: a herança dos filhos de nazistas notórios*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004 P. 171

A maior parte das trajetórias pessoais retratadas no livro fazem referência ao período no qual os oficiais estiveram presos após o final da guerra, como no caso de cujo pai ficou preso em Spandau, um presídio construído pelos aliados destinado para uma população carcerária composta por julgados por cortes internacionais de guerra. Essa comissão jurídica foi responsável pelo julgamento de Nuremberg, no qual vários oficiais tiveram suas penas definidas. Apenas há o caso de uma menina, Gudrun Himmler, filha do Reichsführer da SS que ficou presa junto com a mãe com outros réus desse tribunal.

Os caminhos percorridos de outros filhos desses nazistas revelam peculiaridades, como a adoção dos filhos de Bollmann por camponeses e outras pessoas ligadas as famílias, que usaram de sua influência para abrigar seus descendentes depois da derrota alemã. Houveram poucos casos nos quais esses descendentes permaneceram na Alemanha e continuaram a usar seus sobrenomes, pois isso foi impeditivo para conseguirem se matricular em escolas e conseguirem empregos.

Existem duas ideias principais opostas quanto a trajetória de vida dos descendentes desses oficiais, sendo classificados nos seguintes grupos: os que se preocupam em perpetuar o legado de seus pais e os que lutam para mostrar como as atitudes de seus parentais foram prejudiciais, realizando palestras onde expõe seus pontos relativos a essas temáticas. Um exemplo desse segundo fato foi a recusa em prestar o exército por questões de princípios de Wolf-Rüdger Hess por ser contra o que fizeram com seu pai e por não querer pactuar com uma Alemanha cujas tropas continuaria não fazendo sentido para ele.

Em contrapartida na mesma obra existe o caso de Niklas Frank, filho de Hans Frank, ex-governador-geral da Polônia e acusado no tribunal de Nuremberg como número sete. Seu pai foi enforcado em 16 de outubro de 1946.¹²⁶ Ele se tornou um estudioso sobre seu pai e o regime totalitário alemão. Como resultado disso se tornou famoso por suas palestras contrárias ao nazismo, sendo controverso quanto a sua relação de ódio com seu pai.

A obra dos Leberts tem os capítulos divididos em duas categorias: as entrevistas com os descendentes e a repercussão da série de reportagens da revista *Weltbild* na

¹²⁶Idem. p. 99

Alemanha. A primeira parte se refere ao trabalho do pai e a segunda ao trabalho do filho, que reorganiza e republica esses escritos anos depois, refletindo sobre as mudanças na Alemanha com relação a memória dos nazistas, com um distanciamento do final da guerra. As entrevistas realizadas em 1959 foram autorizadas antes da publicação. Apenas uma das pessoas, Martin Bormann discordou ao reler sua entrevista e publicou um livro no qual relata sua trajetória para reencontrar com o passado.

Essas perspectivas antagônicas sobre o passado familiar podem ser entendidas sob uma perspectiva na qual eles se reconhecem pelos feitos de seus pais e querem perpetuar a memória, e como um empecilho ligado a constante rememoração, no qual os preconceitos quanto aos feitos dos pais foram herdados. Essa obra tenta humanizar os oficiais, demonstrando-os para além de seus cargos e retomando o período de clausura de algumas dessas crianças com as mães sobretudo. Os autores usam dados recolhidos e preenchem as lacunas, montando narrativas com fluxos temporais de acordo com o depoimento recolhido, mas sempre frisando a importância de uma pesquisa desse gênero na Europa.

3.2.2 O paradoxo de Teege

Um exemplo semelhante aconteceu com Jennifer Teege quando, aos 38 anos, ela descobriu que era neta de um dos carrascos nazistas, chamado Amon Göth, comandante do campo de concentração de Plaszow, na Polônia. Seu avô era o chefe do campo de concentração retratado no filme “A lista de Schindler”, dirigido por Steven Spielberg. Ela foi adotada por um casal de israelenses quando tinha sete anos mas continuou com contato com sua mãe biológica por vários anos. Teege é uma mulher negra, judia, com descendência alemã nigeriana e residente em Israel.

No prefácio de seu livro descreveu como aconteceu a descoberta. Deprimida, foi a biblioteca de Hamburgo para encontrar algum livro sobre psicanálise. Em uma visita se deparou com um livro de capa vermelha em uma estante e ao folheá-lo notou uma foto de uma pessoa conhecida: sua mãe biológica. , através da reprodução de uma foto em preto e branco dela com um homem ao fundo com uma metralhadora. A partir de então, Teege escreveu um relato sobre sua experiência e o processo por ela enfrentado

para entender sua relação com o avô, incluindo suas pesquisas e o processo no qual refletiu sobre a memória traumática dos descendentes de oficiais e como eles lidavam com os feitos de seus antepassados.¹²⁷ Após essa descoberta ela faz uma pesquisa para resgatar seu passado, incluindo o período no qual sua mãe imigra para Israel e se casa.

Ela escreveu essa obra com a colaboração do jornalista alemão Nikola Sellmair. Ele a auxiliou na contextualização histórica dos fatos e isso foi notado na narrativa pela mudança de fonte na versão impressa correspondentes a esses apontamentos. Além dessas informações, houve a coleta de entrevistas com parentes de Teege e uma pesquisa quanto a termos ligados a psicologia, como a obra de Bar On¹²⁸. Em sua narrativa quando critica outros descendentes pela sua abordagem teórica, o que reprime o lado humano da narrativa. Ela não teve essa experiência e por isso tenta fazer essa análise, assim como a segunda geração de judeus.

Esse livro tem os capítulos subdivididos segundo a importância dos acontecimentos. Ela descreve sua relação com a família adotiva e como absorveu a descoberta do passado de sua família, relatando sobre como era seu avô, sua avó e até mesmo a relação entre seus amigos judeus em Israel com o Holocausto. O livro se divide em dois tipos de narrativa, com a alteração na própria formatação do texto, exposta através de partes do texto em itálico com comentários relativos a parte teórica e o texto comum narrado em primeira pessoa pertencente diretamente a Teege.

Durante a divulgação, a autora concedeu entrevistas para jornais, expondo sua relação com a memória de seu recém descoberto avô. Em entrevista para imprensa a autora afirmou que

O primeiro choque foi a pura descoberta de um livro sobre a minha mãe e minha família, que tinha informações sobre mim e minha identidade oculta que tinha sido escondido de mim ", diz Teege. "Eu sabia pouco sobre a vida da minha mãe biológica, assim como a minha família adotiva. Eu esperava encontrar respostas para as perguntas que tinha. Isso me perturbou e piorou minha depressão. O segundo choque foi a informações sobre atos do meu avô.(tradução livre)¹²⁹

¹²⁷ TEEGE, Jennifer. "Amon- Meu avô teria me executado". Rio de Janeiro: Agir, 2014.

¹²⁸ Nessa obra, Bar on entrevista filhos de nazistas e compõe um perfil psicológico deles. BAR-ON, Dan. **Die Last des Schweigens: Gespräche mit Kindern von NS-Tätern**. Frankfurt am Main: Ed. Körber-Stiftung, 2003.

¹²⁹ "The first shock was the sheer discovery of a book about my mother and my family, which had information about me and my identity that had been kept hidden from me," Teege says. "I knew almost nothing about the life of my biological mother, nor did my adoptive family. I hoped to find answers to questions that had disturbed me and to the depression I had suffered from. The second shock was the information about my grandfather's deeds."¹²⁹ Disponível em <http://www.haaretz.com/1.640997> idem

A descoberta sobre o seu passado familiar foi impactante. Ela, com uma identidade judia e negra seria um dos alvos de seu avô. Essa concepção lhe pareceu contraditória, ter um parente que lhe machucaria por causa da ideologia nazista. Ela se reencontrou poucas vezes com sua mãe biológica. As informações obtidas sobre sua mãe estavam presentes no livro encontrado na biblioteca e também em um também documentário com entrevistas para um projeto cinematográfico no qual os filhos de oficiais famosos relataram como foi sua vida e qual a importância de carregar seu sobrenome nos anos subsequentes. Lançado em 2012, o documentário “Hitler’s children” trouxe uma outra perspectiva para os estudos sobre o Holocausto. Seu diretor faz parte da terceira geração de filhos de sobreviventes da Shoah.

Suas principais referências sobre seu avô estavam presentes no filme “A lista de Schindler”. Para complementar as informações, alguns teóricos com sobre psicologia que estudaram a relação entre a segunda e a terceira geração. Para compor a narrativa os autores usam também o relato de outros descendentes de nazistas, que foram entrevistados pelos Lebert em sua obra referida na anteriormente. A biografia de Teege se destaca de outras por mostrar sua inquietação particular e tentar explicar a si mesma como retornar ao passado e como ela trabalharia essa relação com o nazismo anos depois.

Sobre as biografias escritas por outros netos ela escreveu que as estudou, e que falam claramente sobre os acontecimentos do Reich. Nesses estudos, as pessoas se escondiam atrás dos fatos e não concebia como eles estariam ligados ao seu caso. Em sua busca, portanto, ela descreveu sobre o seu processo de descoberta ligado a ideia do nazismo e tentou estabelecer, com a ajuda de um jornalista, uma aproximação entre sua identidade como judia e o seu passado familiar, entrando em uma crise causada por um conflito pensando em como seria, de um modo anacrônico, sua relação com o avô.

3.2.3 Como os descendentes de oficiais lidam com essa memória

Essas duas obras possuem especificidades quanto a sua escrita, conforme acima apontamos. O movimento de memória em cada um desses casos específicos ocorre de

uma forma diferente. No caso do livro de Teege, ela recorre a outros escritos de parentes de nazistas para entender como a relação familiar foi tecida. A descoberta tardia do seu grau de parentesco com o chefe do campo culminou com uma crise interna na qual ela se questionava como poderia ser parente de Amon sendo negra, judia e morando em Israel. Estabeleceu-se então um conflito entre a identidade por ela portada e seu passado familiar. A opção pelo nome da obra demonstra isso, pois em outros tempos ela seria exterminada pelo seu avô. Sua inquietação foi resolvida através de psicanálise e do esclarecimento sobre seu abandono pela mãe biológica.

A busca de Teege se assemelha a de Doerry e a de Bernice. Enquanto nesses últimos casos a descoberta que deu origem a suas pesquisas foi a morte de um parente, Teege reencontra seu passado em outras condições. A descoberta repentina na biblioteca alterou sua forma de ver o Holocausto. Essa medida, em contraposição, não foi tomada por filhos de oficiais nazistas. Eles ainda carregavam o estigma de possuir o nome de criminosos de guerra. Como destaca Liebel

Não se trata apenas da herança nominal que seus pais lhes legaram; é uma herança cultural que todos os alemães carregam, com culpa ou orgulho, mas que se faz presente em todos os seus dias, materializando-se em absurdas tentativas revisionistas de reabilitação dos nazistas ou ainda na contínua busca de redenção do povo alemão perante a história.¹³⁰

Os filhos desses oficiais nazistas vivem nesse processo no qual não se dissociam da imagem de seus pais. A narrativa dos Lebert, dividida entre dois tempos, mostra como essas crianças e suas vidas se alteraram durante os anos no qual esse projeto esteve guardado. A imagem dos nazistas presos, sem o apoio do estado no pós-guerra, apresenta a fragilidade dessas pessoas. Nesses casos, as penas resultantes dos julgamentos permanecem como não pagas para a sociedade alemã, que responsabiliza também os filhos pelos crimes cometidos pelos pais.

¹³⁰ LIEBEL, Vinícius; LEBERT, Norbert; LEBERT, Stephan. HERDEIROS DO ÓDIO—A VIDA DOS FILHOS DOS LÍDERES NAZISTAS. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 30, n. 1, 2009. P. 404-5.

Considerações finais

A Shoah permanece como fenômeno emblemático no tocante a memória do século XX. Os descendentes lutam para manter as experiências de seus antepassados e para evitar o negacionismo, reiterando a existência dos campos de concentração e combatendo informações falaciosas sobre o tema. Os movimentos para a preservação da memória sobre esse evento são transferidos para a segunda geração. Esses descendentes, através da postmemória compõem narrativas nas quais relacionam as trajetórias familiares com suas identidades e então conseguem perpetuar uma memória secundária sobre a guerra. O distanciamento temporal do Holocausto produz um amadurecimento dos trabalhos por eles produzidos, com uma contextualização e novas abordagens sobre os testemunhos.

Essa geração não reproduz a experiência dos sobreviventes, portanto, não possuindo legitimidade para reviver e escrever sobre o que foi a perseguição dos judeus. As lacunas presentes em suas pesquisas são preenchidas com ajuda da criatividade e da imaginação. Existe necessidade de retomar o Holocausto mas com uma leitura secundária, pois são os responsáveis por recontar como seus parentes foram afetados.

Tentamos estabelecer nessa pesquisa como delimitar como alguns parentes de vítimas da Shoah se relacionam com a trajetória de parentes mortos pelo regime nazista. Estabelecemos como ponto inicial para essas investigações um fato ligado a algum familiar, onde objetos de memória são revelados. A partir disso, se desenvolve uma

averiguação para um maior detalhamento sobre o significado daquele objeto. Por fim, eles concluem suas buscas pessoais, estabelecendo uma relação entre seus parentes e a perseguição judaica. Com base no estudo de pequenas histórias, essa geração tenta manter viva a resistência, escrevendo sobre suas buscas pessoais e desenvolvendo estudos relacionados a psicologia, tendo como objeto os traumas e os processos de lembrança e esquecimento.

Seja complementando as ausências com pesquisas e fontes alternativas ou outros tipos de linguagem, os filhos tentam reconstruir, portanto, suas identidades através da retomada de um passado que lhe afetou, pois convive com o estigma de ser filho de um sobrevivente ou não conhecer familiares que morreram na guerra. Os grandes homens deixam de ser o centro das investigações e outras camadas da sociedade passam a ser o objeto, traçando um panorama do nazismo sob a perspectiva das vítimas. Seu resgate se faz através de documentários, livros trilhando como as famílias se separaram e foram exterminadas e também pela arte.

Tentamos demonstrar como a retomada de documentos pessoais, no caso cartas, e o silenciamento das famílias depois de passarem pelo Holocausto foram aproveitados na obra de Martin Doerry. Suas opções e recortes temáticos ressaltaram algumas características de sua avó, falecida antes dele nascer no campo de concentração. Sua luta para entender quem foi sua avó resultou em uma retomada de traumas por parte de seus familiares. Apesar da resistência inicial, a publicação da trajetória de sua avó gerou um reconhecimento póstumo. Portanto, o objetivo desse jornalista em reescrever sobre o passado familiar tendo como cronologia as perseguições nazistas visava mostrar a interferência do governo na vida dos habitantes de Kassel. Mais especificamente, ele constrói a imagem de uma vítima do Holocausto como uma mártir, se sacrificando para a manutenção de sua família.

Essas e outras histórias sobre descendentes da Shoah estão sendo escritas. Motivadas por razões particulares, em cada uma delas os pontos de vistas utilizados e as relações estabelecidas durante o momento da guerra foram fundamentais para a manutenção da memória judaica como resistência. A cada novo relato e testemunho escrito, informações escondidas são encontradas e se retoma um trabalho coletivo para o não esquecimento dos crimes contra essas pessoas. Os filhos e netos possuem, portanto, o dever de manter viva a luta de seus pais.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha. Homo Sacer III*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo, Boitempo, 2008.

ARNOLD, Jörg. *The Allied air war and urban memory: the legacy of strategic bombing in Germany*. New York: Cambridge University Press, 2011

ARNOLD, Jörg. ‘Once upon a time there was a lovely town...’: The Allied Air War, Urban Reconstruction and Nostalgia in Kassel (1943–2000). **German History**, v. 29, n. 3, p. 445-469, 2011.

BACHRACH, Zvi, ed. *Last Letters of the Shoah*. Trans. Batsheva Pomerantz. Jerusalem: Devora and Yad Vashem, 2004. Print.

BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Ingeborg Maus e o Judiciário como superego da sociedade. **Revista CEJ**, v. 9, n. 30, p. 10-12, 2005.

BAR-ON, Dan. *Die Last des Schweigens: Gespräche mit Kindern von NS-Tätern*. Frankfurt am Main: Ed. Körber-Stiftung, 2003.

BECK, Earl R. The Allied Bombing of Germany, 1942-1945, and the German Response: Dilemmas of Judgment. **German Studies Review**, v. 5, n. 3, p. 325-337, 1982

BERENBAUM, Michael. PECK, Abraham J. *The Holocaust and history: The known, the unknown, the disputed, and the reexamined*. Washington: Indiana University Press, 2002.

BOEHLING, Rebecca, LARKEY, Uta. *Sob o fantasma do Holocausto: a vida, a morte e a perda de identidade de uma família judaica na Alemanha de Hitler*. Tradução Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOLLMANN, Stefan. *Briefe liebe ich, für Briefe lebe ich*. München: Sandman. 2008.

DAFNI, Re'uven; KLAIMAN, Yehudit (Ed.). *Final Letters: From Victims of the Holocaust*. New York: Universal Sales & Marketing, 1991.

DAWIDOWICZ, Lucy S. *A Holocaust reader*. West Orange: Behrman House, Inc, 1976.

DOERRY, Martin. *Meu coração ferido: a vida e as cartas de Lilli Jahn. A história de uma médica e mãe judia na Alemanha de Hitler*. Tradução de Rose Evelyn Noa Guimarães. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DOERRY, Martin; JAHN, „Lilli. Morgen abend werden wir dann in Auschwitz sein: Lili Jahn: eine deutsche Jüdin 1900-1944.“ **Universitas**, v. 57, n. 677, p. 1118-1129, 2002.

DOERRY, Martin. *Übergangsmenschen: die Mentalität der Wilhelminer und die Krise des Kaiserreichs*. Juventa, 1986.

DREWNIAK, Dagmara. Addicted to the Holocaust–Bernice Eisenstein’S Ways of Coping with Troublesome Memories in I Was a Child of Holocaust Survivors. **Studia Anglica Posnaniensia**, v. 50, n. 2-3, 2015. P.39-60.

EINSEINSTEIN, Bernice. *Eu, filha de sobreviventes do Holocausto*. Tradução de Alzira Allegro. 1ªEdição. São Paulo : Novo Conceito, 2007

EPSTEIN, Helen. *Where she came from: a daughter's search for her mother's history*. Boston: Little, Brown, 1997.

FRITZSCHE, Peter. *Life and death in the Third Reich*. Cambridch, Massachussets/London: Harvard University Press, 2009.

GARSCHA, Karsten; GELAS, Bruno; MARTIN, Jean-Pierre. *Ecrire après Auschwitz: mémoires croisées France-Allemagne*. Lyon: Presses Universitaires Lyon, 2006.

HARVEY, Arnold D. *Collision of empires: Britain in three world wars, 1793-1945*. London and Rio Grande: The Hambledon Press, 1992.

HAYES, Peter (Ed.). *How Was It Possible?: A Holocaust Reader*. United States of America:University of Nebraska Press, 2015.

HADJU, Maya. *Fragmented Memories in the Graphic Novel: Miriam Katin, Bernice Eisenstein, and Miriam Libicki*. Tese de Mestrado defendida em Concordia University, 2012

HIRSCH, Marianne. *Family frames: Photography, narrative, and postmemory*. Harvard University Press, 1997.

HIRSCH, Marianne. Past lives: Postmemories in exile. **Poetics Today**, p. 659-686, 1996.

KALSHOVEN, Hedda (Ed.). *Between Two Homelands: Letters Across the Borders of Nazi Germany*. University of Illinois Press, 2014.

KAPLAN, Marion A. *Between dignity and despair: Jewish life in Nazi Germany*. Oxford: Oxford University Press: , 1998.

KAPLAN, Marion A. Jewish Women in Nazi Germany: Daily Life, Daily Struggles, 1933-1939. **Feminist Studies**, v. 16, n. 3, p. 579-606, 1990.

KRAMER, Naomi. *Civil Courage; a Response to Contemporary Conflict and Prejudice*. New York: Peter Lang, 2007

KRAUSE-VILMAR, Dittfried (Red.): *Lilli Jahn - Briefe aus Breitenau 1943/44* - Archivexemplar der Gedenkstätte Breitenau, Universität Kassel 1989.

_____ Die judenfeindlichen Pogrome in Kassel im November 1938. In: Zeitschrift des Vereins für hessische Geschichte und Landeskunde (ZHG) Band 117/118 (2012/13), S. 217–226. Disponível em: http://www.vhghessen.de/inhalt/zhg/ZHG_117_118/Krause_Vilmar_Pogrome.pdf

LACAPRA, Dominick. (2009). *Historia y memoria después de Auschwitz*. Trad. Marcos Mayer. Buenos Aires: Prometeo, 2009. (Trabajo original publicado en 1998).

LEBERT, Norbert; LEBERT, Stephan. *Tu carregas meu nome: a herança dos filhos de nazistas notórios*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

LEJEUNE, Philippe. “A quem pertence uma carta”. In. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG 2008.

LEVI, Primo. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Rocco. 1988.

LIEBEL, Vinícius; LEBERT, Norbert; LEBERT, Stephan. HERDEIROS DO ÓDIO—A VIDA DOS FILHOS DOS LÍDERES NAZISTAS. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 30, n. 1, 2009.p. 403-406

„Maximilian Strnad Discusses Fates of Intermarried Jews in Nazi Germany“ Disponível em: <https://sfi.usc.edu/news/2015/11/10434-maximilian-strnad-discusses-fates-intermarried-jews-nazi-germany> Acessado em 10/06/2015

MATTHÄUS, Jürgen e ROSEMAN, Mark, eds. *Jewish Responses to Persecution. Volume I, 1933-1938. Documenting Life and Destruction*. Lanham, MD: AltaMira Press in association with the United States Holocaust Memorial Museum, 2010.

OVIDO CORDOBA, Myriam. *Identidad narrativa en experiencias de secuestro*. Tese de Doutorado pela Universidad Nacional de Colombia 2013.

PAEPCKE, Lotte. *Ich wurde vergessen. Bericht einer Jüdin, die das Dritte Reich überlebte*. Freiburg, 1979.

POLLATSCHEK, Henriette; POLT, Renata. *A Thousand Kisses: A Grandmother's Holocaust Letters*. University of Alabama Press, 1999.

PATÁKOVÁ, Sabina. *Motýli tam nežili? Paměť holocaustu [online]*. České Budějovice, 2008 [cit. 2015-12-01]. Master's thesis. University of South Bohemia in České Budějovice, Pedagogical Faculty. Thesis supervisor doc. PaedDr. Michal Bauer, Ph.D.

POPA, Opritsa D. *Bibliophiles and Bibliothieves: The Search for the Hildebrandslied and the Willehalm Codex. De Gruyter Cultural Property Studies*. Berlin: Walter de Gruyter, 2003.

RAETHEL, Miriam Carolin, "Witnessing from a Distance: Postwar Literary Representations of the Holocaust" (2010). *Theses and Dissertations (Comprehensive)*. Paper 1104. Disponível em <<http://scholars.wlu.ca/etd/1104>>

REGERT, Vera Silveira. *Em defesa da herança de Auschwitz: Releitura da História do Holocausto por meio da escritura autobiográfica das vítimas*. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de Santa Cruz do Sul.

RICHTER, Gunnar. „Ansprache anlässlich der Umbenennung des Platzes vor der ehemaligen Synagoge in Guxhagen in Lilli-Jahn-Platz“ In: *Verein zur Förderung der Gedenkstätte und des Archivs Breitenau e.V. (Hrsg.): Rundbrief Nr. 31, Kassel 2012*

_____. *Das Arbeitserziehungslager Breitenau (1940-1945): ein Beitrag zum nationalsozialistischen Lagersystem; Straflager, Haftstätte und KZ-Durchgangslager der Gestapostelle Kassel für Gefangene aus Hessen und Thüringen.* 2011.

RICHTER, Gunnar (Red.): *Die Gedenkstätte Breitenau in Guxhagen bei Kassel. Ein Leseheft. Dritte überarbeitete und ergänzte Auflage, Eigenverlag der Gedenkstätte Breitenau,* Kassel 2002.

„Bericht aus der Arbeit der Gedenkstätte Breitenau 2004“ von Gunnar Richter und Horst Krause-Willenberg, Disponível em <http://www.gedenkstaette-breitenau.de/rundbrief/RB-24-03.pdf> Acessado em 10/06/2015.

SAENGER, Paul. *Jewish pediatricians in Nazi Germany: victims of persecution.* **IMAJ-RAMAT GAN-**, v. 8, n. 5, p. 324, 2006.

SCHUCHALTER, Jerry. *Poetry and truth: variations on Holocaust testimony.* New York: Peter Lang, 2009.

SOMMER, Robert, Sexual Exploitation of Women in Nazi Concentration Camp Brothels. In: HEDGEPEETH, Sonja M. e SAIDEL, Rochelle G. (Org.). *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust.* Lebanon: Brandeis University Press, University Press of New England, 2010.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TEEGER, Jennifer. *Amon- Meu avô teria me executado.* Rio de Janeiro: Agir, 2014.

VON MÜHLEN, Bruna Krimberg; STREY, Marlene Neves. As mulheres e o Holocausto: dando visibilidade ao invisível. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 9, n. 17, p. 64-87, 2015.

WEITZMAN, Lenore. Women in the Holocaust. In *The Holocaust and the United Nations Outreach Programme: Discussion Papers Journal*. Vol. II. United Nations Department of Public Information, Outreach Division Nova York, 2012.

Die Erinnerung verfolgt die Kinder. 31/08/2008. Disponível em http://www.schwaebische.de/home_artikel,-_arid,2251860.html Acessado em 09/10/2015

Martin Doerry relata la vida de Lilli Jahn, destrozada por los nazis. El País. 1 de junio de 2003. Disponível em http://elpais.com/diario/2003/06/01/cultura/1054418405_850215.html Acessado em 10/10/2015

„Wurde im Herzen. *Das Gespräch führte Ivonne von Opel*. Die Welt. 18/08/2002. Disponível em <http://www.welt.de/print-wams/article606166/Wunde-im-Herzen.html> Acessado em 11/08/2015

“Ilse Doerry and Martin Doerry in conversation with Don Guttenplan - Session Transcript.” Disponível em: <http://www.jewishbookweek.com/sites/default/files/lse%20Doerry,%20Martin%20Doerry,%20D.%20D.%20Guttenplan%2004.03.04.pdf> Acessado em 08/08/2015

Gespent über den Seiten In Frankfurter Allgemeine, 08/03/2005. Disponível em <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezensionen/belletristik/gespenst-ueber-den-seiten-1214633.html>. Acessado em 08/08/2015

“My Nazi grandfather, Amon Goeth, would have shot me”. Disponível em <http://www.bbc.com/news/magazine-24347798> Acessado em 08/08/2015

“**Kaum dreißig Kilometer entfernt und doch unerreichbar**” Disponível em <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezension-sachbuch-kaum-dreissig-kilometer-entfernt-und-doch-unerreichbar-11291531-p3.html> Acessado em 08/08/2015

Paperless Love: A Short Reading List from Sarah Wildman. Disponível em http://www.jewishbookcouncil.org/_blog/The_ProsePeople/post/paperless-love-short-reading-list-sarah-wildman/ Acessado em 06/07/2015

Peter Hamm „Die Tochter des Nazis“ Die Zeit 14. Oktober 1983, 7:00 Uhr, Disponível em <http://www.zeit.de/1983/42/die-tochter-des-nazis/seite-3> Acessado em 10/08/2015

“Zur Aktualität von Ludwig Marum in unserer Zeit” Disponível em http://spdnet.sozi.info/bawue/karlsruhe/dl/Doerry_Vortrag_Marum.pdf Acessado em 10/05/2015.

Gedenkbuch – Opfer der Verfolgung der Juden unter der nationalsozialistischen Gewaltherrschaft in Deutschland: 1933–1945. Bundesarchiv Koblenz 1986.

Doerry, Martin. *Mein verwundetes Herz.* Der Audio Verlag; Auflage: 1., Aufl. (2003). CD de áudio.